

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
Curso de Bacharelado em Jornalismo

RICARDO MENEGHINI RAMIRO

**O OMBUDSMAN NO JORNALISMO INDEPENDENTE:
UM ESTUDO DO PERIÓDICO LITERÁRIO RELEVO**

GUARULHOS

2024

RICARDO MENECHINI RAMIRO

**O OMBUDSMAN NO JORNALISMO INDEPENDENTE:
UM ESTUDO DO PERIÓDICO LITERÁRIO RELEVO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de bacharel em
Jornalismo ao Centro Universitário
Internacional UNINTER.

Orientadores: Prof. Dra. Marcia Boroski
e Prof. Dr. Alexsandro Teixeira Ribeiro.

GUARULHOS

2024



Curso de Bacharelado em Jornalismo

Ata de Banca de Avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso

Aos sete dias do mês de maio de dois mil e vinte e realizou-se a banca de avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso do/a estudante RICARDO MENEGHINI, portador do Registro Uninter do curso de Bacharelado em Jornalismo do Centro Universitário Internacional Uninter. Na ocasião, o trabalho desenvolvido na fase de, na modalidade, sob o título O OMBUDSMAN NO JORNALISMO INDEPENDENTE: UM ESTUDO DO PERIÓDICO LITERÁRIO e orientação do/a professor/a Dr. Alexandro Teixeira, foi apreciado pelos seguintes membros da banca avaliadora:

Examinador/a 1: Dr. Guilherme Gonçalves de Carvalho

Examinador/a 2: Dra. Larissa Drabeski

Após a conferência do trabalho e considerando a média das notas atribuídas pelos professores examinadores nas fichas de avaliação, atribuiu-se a seguinte nota: 10

Sendo assim, considerou-se o/a estudante APROVADO e recomenda-se o trabalho para publicações.

Assinam os seguintes participantes:

Orientador/a:  Documento assinado digitalmente
ALEXANDRO TEIXEIRA
Data: 07/05/2024 12:39:25 -0300
Verifique em <https://validar.dig.br>

Examinador/a 1:  Documento assinado digitalmente
GUILHERME GONÇALVES DE CARVALHO
Data: 07/05/2024 14:21:01 -0300
Verifique em <https://validar.dig.br>

Examinador/a 2:  Documento assinado digitalmente
LARISSA ADRIELLEN DRABESKI
Data: 07/05/2024 14:46:48 -0300
Verifique em <https://validar.dig.br>

Estudante:



“Um dos elementos dessa crise [do jornalismo], ou da surpresa com que os jornalistas se descobriram em crise, tem a ver com o facto de ter feito parte da cultura profissional dos jornalistas acharem que eram eles que tinham que criticar os outros e que eles próprios não podiam ser objecto de crítica”.
(OLIVEIRA, 2010, p. 225)

RESUMO

Predominantemente designada a jornalistas em veículos hegemônicos, a função do ombudsman, segundo Costa (2018), chega ao Brasil em 1989, por meio do jornal Folha de S. Paulo. Comum a quem exerce a crítica de imprensa, Cheida (2018) afirma existir tensões entre redação e direção de veículos que são pouco investigadas no meio acadêmico. Face ao exposto, este trabalho tem o objetivo de analisar a atuação do ombudsman no jornalismo independente, onde a questão central do estudo é: considerada a característica de uma organização colaborativa, de que maneira essas tensões se materializam nos textos da coluna *Ombudsman* do jornal RelevO? Com base nos estudos de Braga (2006), a pesquisa contextualiza o campo de atuação da crítica na comunicação, que além da emissão e recepção de enunciados, está situada em um terceiro processo comunicacional denominado de crítico-interpretativo. A fim de identificar marcas de tensão entre redação e a direção do jornal RelevO, a metodologia adotada é a análise de conteúdo (BARDIN, 1977). O corpus foi constituído de colunas assinadas por integrantes do conselho editorial e que anteriormente exerceram a função de ombudsman no veículo. O resultado do estudo indica múltiplas tensões originadas dentro do jornal RelevO. As tensões transitam nos núcleos do conselho editorial, do ombudsman e do editor do veículo. Face a natureza colaborativa, o estudo também identifica fluxos de tensões externas por parte de colaboradores voluntários e dos próprios leitores.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Independente; Jornalismo Cultural; Crítica de Imprensa; Ombudsman; Jornal RelevO.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 METODOLOGIA.....	14
2.1 PRIMEIRA ETAPA – A PRÉ ANÁLISE.....	16
2.2 SEGUNDA ETAPA – A EXPLORAÇÃO DO MATERIAL.....	17
2.3 TERCEIRA ETAPA – O TRATAMENTO DOS RESULTADOS.....	18
3 A CRÍTICA COMO TERCEIRO PROCESSO COMUNICACIONAL.....	19
3.1 OMBUDSMAN DE IMPRENSA - BREVE HISTÓRICO.....	20
3.2 O OMBUDSMAN NO JORNALISMO BRASILEIRO.....	22
3.3 A CRÍTICA DE IMPRENSA: MAPEAMENTO DE TENSÕES.....	26
4 JORNALISMO CULTURAL EM RELEVO.....	28
4.1 O JORNALISMO INDEPENDENTE.....	32
5 ANÁLISE DE CONTEÚDO DO JORNAL RELEVO.....	36
5.1 CATEGORIA ESCRUTÍNIO E/OU INTERFERÊNCIA.....	37
5.2 CATEGORIA PRIVILÉGIO.....	38
5.3 CATEGORIA CONFLITO DE INTERESSES.....	40
5.4 CATEGORIA ORIENTADO AO EDITOR.....	43
5.5 QUADRO DE CONTINUIDADES E TENSÕES.....	48
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	53
ANEXOS.....	58

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico tem como objetivo apresentar breve análise da atuação crítica do ombudsman na perspectiva do jornalismo independente, em que o objeto de estudo é a coluna do periódico literário independente RelevO¹, de Curitiba. No site do jornal, os editores afirmam que o veículo “não aceita dinheiro público e se mantém independente: assinantes e anunciantes não dispõem de influência sobre a editoria do veículo, principalmente quando tentam” (RELEVO, 2024). Face ao exposto, para Bronosky e Santos (2019) trata-se de jornalismo aut centrado e desvinculado de influências políticas e econômicas.,

Não obstante, segundo Ponciano (2017), o projeto editorial do veículo abarca o jornalismo sobre literatura que privilegia novos autores. Diante do exposto, este trabalho o localiza no jornalismo alternativo, definido por Bona (2017, p. 208) como aquele “diverso do vigente”. À essa ideia, Bronosky e Santos (2019, p. 153) acrescentam a “experiência histórica daqueles que buscaram construir meios de comunicação contra hegemônicos”. A construção de uma comunicação contra hegemônica é explicada por Moraes (2013) com base no pensamento de Edward Said:

Said põe em relevo a exigência de uma intervenção consciente do pensamento crítico na batalha das ideias, questionando os discursos hegemônicos da mídia, dizendo verdades ao poder e discutindo alternativas para modificar consensos e consentimentos sociais nos quais se fundamenta o exercício da hegemonia (MORAES, 2013, p. 16).

Isto posto, a crítica de imprensa se constitui como uma ação que dialoga diretamente com os postulantes ao cargo de ombudsman. Assim, Braga (2006) afirma que o ato da crítica deve atender ao menos dois critérios distintos: (i) exercer tensão sobre o desempenho acerca da operação que resulta em produto midiático; (ii) desenvolver trabalho analítico descritivo que amplie o discernimento em relação à aplicação dos processos de produção.

¹ Disponível em: <https://jornalrelevo.com/>. Acesso em 04/11/2023.

Com base nesses critérios, o ombudsman dispõe de elementos como correção, ética jornalística, transparência e independência, aspectos que dialogam constantemente com a função. Porém, exercê-los no sentido prático requer do profissional ombudsman, inserir-se entre dois polos, direção e redação do veículo, núcleos que estão em rota de colisão com a postura crítica deste profissional.

Neste sentido, o estudo parte de duas reflexões distintas: na primeira, Cheida (2018, p. 55) afirma que “[...] a área de atrito entre Redação e Direção da empresa jornalística é pouco investigada no campo acadêmico, mas muito discutida entre jornalistas e dirigentes empresariais”. A segunda, remete à necessária existência de dispositivos de interação com capacidade de colocar o jornalismo em posição de autorreflexão diante da chamada esfera pública midiática (BRAGA, 2006).

É a partir da lógica crítica que os conceitos de ombudsman e jornalismo confluem para a ideia de serviço público. Segundo Costa (2006), o ombudsman foi instituído na Suécia, por meio de uma reforma constitucional, no ano de 1809. Além de receber reclamações e encaminhá-las, o ombudsman é “[...] um agente de mudanças internas e melhoria das relações externas” (CENTURIÃO, 2003 p. 78).

Foi pela crítica que o jornalismo evoluiu para o status de agente de mudanças sociais, com consequências para a sociedade. Segundo Traquina (2005, p. 88), o “[...] primeiro artigo localizado de crítica da imprensa que usou a palavra ética no título apareceu em 1889”, nos Estados Unidos. No ano seguinte, em 1890, surge o primeiro código de conduta para jornalistas. Mas é na Suécia, berço do conceito de ombudsman, que o ofício do jornalismo passa a contar com o código deontológico da profissão, implantado em 1920.

Um jornalista obedece a um código deontológico e a uma ética profissional que o habilitam e legitimam para assegurar o direito dos cidadãos a uma informação rigorosa, independente e verídica. É o direito do público à informação que legitima a atividade do jornalista (SERRANO, 2018, p. 180).

Assim, sendo um ofício provido de um código deontológico² que se constitui de princípios éticos e diretrizes de trabalho, o choque com as lógicas empresariais gera tensionamentos entre redação e direção do veículo jornalístico. Rocha e Silva (2019), ao abordar sobre os trabalhos de Warren Breed e Gaye Tuchman, tais tensões são identificadas nas pesquisas destes autores.

Em 1955, Warren Breed discorre sobre como as políticas editoriais e constrangimentos organizacionais influenciam diretamente no conteúdo, uma vez que os processos jornalísticos estão hierarquizados, impondo condições que modificam o recorte da realidade. É o que constata a pesquisadora Gaye Tuchman, em trabalho de observação realizado entre os anos de 1966 e 1976. Com a expansão comercial da internet, os tensionamentos eclodem para fora das redações. O jornalismo passa a ser questionado pelos consumidores, o que Braga (2006) denomina de esfera pública midiática.

A cultura participativa, apontada pelo escritor Clay Shirky (2010), mostra estreitamente essa relação entre transmídia e inteligência coletiva, com o uso dos meios de comunicação e a mobilização de um conteúdo, seja ele on-line ou off-line (SHIRKY, 2010 apud FERRARI, 2018, p. 87).

A crítica de imprensa, acrescenta, por meio do ombudsman, a gênese do interesse público, cuja premissa é o olhar sobre o processo produtivo do veículo e a partir deste, abrir espaço de participação dos leitores, o que significa dar voz à comunidade (JAVORSKI, 2018). O espaço de fala, segundo Figaro e Nonato (2021, p. 22), “[...] remete à experiência histórica daqueles que buscaram construir meios de comunicação contra hegemônicos; ou ao menos alternativo a um outro constituído [...]”, principalmente a partir da redemocratização no Brasil (CARVALHO, 2020).

² O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros está em vigor há 20 anos no Brasil. Disponível em: <https://fenaj.org.br/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/>. Acesso em: 04/11/2023.

Face ao exposto, o jornal RelevO foi escolhido como objeto de pesquisa pela característica colaborativa, com um pequeno grupo de colaboradores. Editado por dois jornalistas, Daniel Zanella e Mateus Ribeirete, a equipe é composta por um diagramador, dois infografistas e um advogado. Com oito integrantes, o veículo dispõe de um conselho editorial que reúne jornalistas e escritores. Publicado desde setembro de 2010 no formato online e impresso, se define como um espaço dedicado à cultura literária, mantido com o apoio de assinaturas e publicidade. O periódico “[...] conta com o serviço público de prestação de contas na página 2 e um ombudsman na página 5” (RELEVO, 2023).

Considerando a afirmação de Cheida (2018), acerca da tensão entre a redação e a direção de veículos jornalísticos em experiências de organizações privadas, a questão norteadora deste trabalho é: de que maneira essas tensões se materializam nos textos da coluna *Ombudsman* do jornal RelevO, considerada a característica de uma organização colaborativa em que os limites entre funções são tênues?

São consideradas três hipóteses a serem confirmadas ou refutadas: (i) a submissão da coluna a revisores para apontamentos ou correção de erros nos textos do ombudsman; (ii) sendo um espaço dedicado a novos autores, os critérios editoriais privilegiam determinados autores em detrimento de outros; (iii) conflito de interesses, uma vez que o veículo se mantém, além de assinantes e serviços especializados, com anúncios publicitários.

De forma geral, o objetivo deste estudo é avaliar como atuam os mecanismos da crítica de imprensa a partir do conteúdo contra hegemônico produzido no jornal RelevO. Face a sua reduzida estrutura organizacional e natureza colaborativa, os objetivos específicos do estudo são: (i) verificar de que maneira essas tensões entre redação e direção atuam na coluna do ombudsman; (ii) considerando a existência destas em jornais comerciais de grande circulação, este estudo pretende averiguar as características dessas tensões no jornal RelevO.

A relevância deste trabalho reside em compreender como o jornalismo independente, ainda que de forma incipiente, busca, a exemplo do jornal Relevo, associar-se aos mecanismos de participação coletiva dos leitores. Porém, o caráter coletivo que sustenta o veículo, tanto financeiramente como na produção de conteúdo, não se furta à crítica especializada, uma vez que o jornalismo é um ofício provido de um código deontológico.

No âmbito científico jornalístico, ao abordar como a crítica de imprensa reage aos tensionamentos em veículos independentes, este trabalho servirá como referencial comparativo em relação aos veículos jornalísticos comerciais. Estes, antes restritos a poucos empresários e suas famílias, com o advento das novas tecnologias, levou jornais de grande circulação a abrigar-se dentro de grandes corporações.

É o que explica Ramonet (2013, p. 61) ao afirmar que “nos últimos anos, os meios de comunicação entraram em crise e tiveram problemas de benefícios e rentabilidade. Então foram se vendendo, foram se integrando a grupos maiores e, por meio de fusões, adquiriram a configuração atual”. Os desafios de ordem econômica, além de gerar redução no espaço de crítica, acarretou perda de identidade com os consumidores de notícia.

Em seu afã seduzir o maior número de pessoas possível, os meios de comunicação dispersaram sua identidade política, pois seu objetivo não é mais um grupo definido política ou ideologicamente. Eles pretendem seduzir o conjunto dos cidadãos, desvirtuando ou ampliando sua linha editorial (RAMONET, 2013, p. 54).

Do ponto de vista social, a importância deste trabalho se eleva ao considerar que, historicamente, a crítica de imprensa transformou o jornalismo em agente de mudanças sociais. O passo seguinte foi o estabelecimento de rígidos padrões de qualidade jornalística. É o que afirma Christofolletti (2018), referindo-se à contribuição do jornalista Alberto Dines por meio da crítica.

Ele ajudou a modernizar o jornalismo brasileiro no século 20, insistiu em rigorosos padrões de qualidade para as redações e foi, sem dúvida, o pai da crítica de mídia por aqui. Esses três predicados já o colocariam em qualquer panteão dos maiores jornalistas do nosso tempo, mas Dines não se orientava por esse tipo de vaidade e nunca parava de trabalhar (CRISTOFOLETTI, 2018).

Com o advento da internet, a crise no modelo de negócio do jornalismo não se encerra em si. Na medida em que a proliferação de veículos de informação pulveriza a informação jornalística, a urgência das publicações abalou profundamente os padrões de qualidade até então estabelecidos.

[...] jornalistas competem em pé de igualdade com outros atores advindos das redes sociais, de blogs ou sites. Pessoas que, na grande maioria das vezes, estão despreparadas para exercer o jornalismo, que é um ofício e, por isso, requer expertise (COSTA, 2018, p. 11).

Finalmente, face ao exposto, o presente estudo busca contribuir na necessária reflexão sobre como a crítica de imprensa, a mesma usada por jornalistas que nos precederam, contribuí para realinhar o ofício do jornalismo ao espaço consolidado de instrumento social na contemporaneidade.

Como premissa metodológica, este trabalho adotou a análise de conteúdo, cujo corpus é construído a partir da coluna *Ombudsman* do jornal RelevO. Baseando-se no método de Laurence Bardin, foi realizada uma análise de conteúdo das críticas produzidas pelos escritores Morgana Rech, Whisner Fraga e o jornalista e escritor Osny Tavares. Por pertencerem ao conselho editorial do jornal RelevO e terem exercido o cargo de ombudsman, a metodologia busca identificar marcas na crítica de imprensa que evidenciem os tensionamentos entre redação e direção do veículo.

A partir de categorias³ de análise, que segundo Franco (2018, p. 13) "[...] é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos [...]", as marcas nas críticas que a metodologia identifica relacionam-se diretamente com as hipóteses estabelecidas nesse estudo.

Na sequência, o capítulo dois enseja a abordagem metodológica, do levantamento bibliográfico à definição da análise empírica de Bardin (1977). Com base no estudo de Braga (2006), o capítulo três emerge o conceito de crítica como terceiro elemento no arco comunicacional e faz breve contextualização histórica do ombudsman. O capítulo quatro discorre sobre o jornalismo cultural e independente, a partir de suas definições e aplicações na crítica de imprensa por meio do jornal RelevO.

³ Foram definidas quatro categorias, estabelecidas com base em analogias textuais: (i) Escrutínio / Interferência, analogia sobre expor a redação de um texto aos colegas jornalistas; (ii) Privilégio, analogia sobre disputa entre autores novatos e veteranos; (iii) Conflito de interesses, analogia a dilemas editoriais por falta de recursos; (iv) Orientado ao editor, observações sobre o planejamento editorial.

2 METODOLOGIA

Este capítulo trata a metodologia, inicialmente a partir de pesquisas bibliográficas sobre o tema ombudsman no jornalismo. De acordo com Marcelino (2020, p. 25), a revisão bibliográfica consiste em reunir “[...] autores que falam sobre o tema, usando aqueles com os quais concorda, que reforçam a hipótese da pesquisa, e também aqueles que refutam as ideias propostas, apresentando ao leitor diferentes visões acerca do mesmo tema”.

Com essa premissa, a função da revisão bibliográfica é estabelecer um recorte teórico, que abarca pesquisas existentes sobre o ombudsman como gênero, análises de contextos históricos e sociais da função, até abordagens sobre a presença destes profissionais nos veículos de imprensa. Marcelino (2020), acrescenta que esta etapa contribui na exploração do tema, bem como na reflexão frente aos resultados obtidos no fim do estudo.

A pesquisa bibliográfica, abarca estudo de Javorski e Gadini (2018), que reúnem as experiências de ombudsman nos principais veículos de imprensa do país, ao longo de trinta anos. Nesta etapa, foram identificados veículos como Folha de S. Paulo (São Paulo, SP), Correio da Paraíba (João Pessoa, PB), Diário do Povo (Campinas, SP), O Povo (Fortaleza, CE), A Notícia Capital (Joinville, SC) e Jornal da Manhã (Ponta Grossa, PR). A prevalência da crítica de imprensa em jornais de grande circulação e o gradual abandono deste dispositivo conduziu a pesquisa bibliográfica a explorar aspectos sociais que envolvem a crítica de imprensa, a partir de Braga (2006).

Neste contexto, os estudos de Bronosky e Santos (2019) apontam para um fenômeno ainda mais latente entre os veículos independentes – a reduzida presença da crítica de imprensa neste segmento de jornalismo. A constatação dos autores se apoia no Mapa de Jornalismo da Agência Pública⁴, após análise de 80 sites de iniciativas independentes em que, um dos critérios, foi verificar a presença do ombudsman nos veículos da pesquisa.

⁴ AGÊNCIA PÚBLICA. **O Mapa do Jornalismo Independente**. Disponível em: <https://apublica.org/mapa-do-jornalismo/>. Acesso em: 04 de nov. de 2023.

Tomando como base os dados coletados é possível perceber a escassez da figura do ombudsman em experiências autodenominadas jornalismo independente no Brasil. Dos 80 sites analisados, apenas dois contam (ou contaram) com a presença de ombudsman: Livre Jor e Revista Berro. (BRONOSKY; SANTOS, 2019, p. 150).

Soma-se a pesquisa, o periódico literário independente RelevO, da cidade de Curitiba. Dedicado à literatura de novos autores, o jornal RelevO, é publicado com a ajuda financeira de leitores e anunciantes. O passo seguinte foi o estabelecimento de uma problematização com o objetivo de proporcionar uma nova perspectiva da crítica de imprensa no jornalismo independente.

Com base na pesquisa bibliográfica, constatou-se nos estudos de Cheida (2018), a problemática das tensões entre redação e direção dos veículos jornalísticos. Para estabelecer um novo recorte empírico, o presente estudo adota a análise de conteúdo preconizada por Bardin (1977), em que se define a coluna *Ombudsman* do jornal RelevO como objeto de estudo.

O método de análise de conteúdo é dividido, segundo Bardin (1977), em três etapas distintas: (i) pré-análise; (ii) exploração do material; e (iii) tratamento dos resultados. Este último consiste em inferir e interpretar o material analisado. Cada uma destas etapas é aplicada com o objetivo de estabelecer o que a autora denomina comparativamente a “inquérito sociológico ou a experimentação” em três polos cronológicos.

Para estabelecer o inquérito sociológico por meio de cada etapa, este estudo abarca as colunas dos ombudsmen arquivadas no site do jornal RelevO, publicadas entre 01 de janeiro de 2014 a 31 de dezembro de 2023. Neste período, quinze colunistas⁵ exerceram a função de críticos do jornal. Destes, foram selecionadas as colunas escritas por Osny Tavares, Whisner Fraga e Morgana Rech. O critério de escolha considerou a posição dos autores no quadro funcional do veículo, pois integram o conselho editorial do jornal (RELEVO, 2023).

⁵ Os ombudsmen que exerceram o cargo no período foram: Osny Tavares, Whisner Fraga, Carla Dias, Ben-Hur Demeneck, Silvio Demetrio, Gutemberg Medeiros, Ricardo Lísias, Gisele Barão, Cezar Tridapalli, Robson Vilalba, Morgana Rech, Sandro Moser, Osny Tavares (segundo mandato), Nuno Rau e Amanda Vital.

2.1 PRIMEIRA ETAPA – A PRÉ ANÁLISE

Com base nos procedimentos de Bardin (1977), dentro da fase de pré-análise, os textos dos autores elencados foram submetidos a dois processos. O primeiro é denominado de ‘leitura flutuante’. Segundo Bardin (1977, p, 122), isto permite “conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações”. As leituras flutuantes compreendem 19 colunas de Osny Tavares⁶ publicadas em dois mandatos distintos, 07 colunas de Whisner Fraga⁷ e 05 colunas de Morgana Rech⁸.

Diante deste universo de publicações, que totalizam 31 textos, seguiu-se para a segunda etapa da pré-análise, que consistiu na escolha das regras de seleção para constituir um corpus de análise. Segundo Bardin (1977, p. 122), “o corpus é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos. A sua constituição implica, muitas vezes, escolhas, selecções e regras”.

Estas se dividem em: (i) exaustividade, onde se esgota todo o assunto sem omissões; (ii) representatividade, o foco são amostras que representem o universo inicial; (iii) homogeneidade, os documentos devem pertencer ao mesmo tema, cuja coleta respeite as mesmas técnicas e indivíduos; (iv) pertinência, os documentos precisam ter relação com os objetivos da pesquisa (BARDIN, 1977).

Para este estudo, é adotado o critério de pertinência para seleção dos documentos que definem o corpus de análise. Deste modo, as marcas que o estudo objetiva encontrar nas colunas dos ombudsmen, correspondem às hipóteses estabelecidas neste trabalho. Segundo Bardin (1977, p. 124), “uma hipótese é uma afirmação provisória que nos propomos verificar (confirmar ou infirmar), recorrendo aos procedimentos de análise”.

São consideradas três hipóteses a serem confirmadas ou refutadas: (i) a submissão da coluna a revisores para apontamentos ou correção de erros nos textos do ombudsman; (ii) sendo um espaço dedicado a novos autores, os critérios editoriais privilegiam determinados autores em detrimento de outros; (iii) conflito de interesses, uma vez que o veículo se mantém, além de assinantes e serviços especializados, com anúncios publicitários;

⁶ Osny Tavares exerceu o primeiro mandato entre 01 de janeiro de 2014 a 01 de junho de 2014. O segundo mandato foi de 01 de fevereiro de 2021 a 01 de fevereiro de 2022.

⁷ Whisner Fraga exerceu o cargo entre 01 de agosto de 2014 a 01 de fevereiro de 2015.

⁸ Morgana Rech exerceu o cargo entre 01 de fevereiro de 2020 a 01 de junho de 2020.

Com base no critério de pertinência às hipóteses deste estudo, foram selecionadas 11 colunas entre os três ocupantes do cargo. São estes textos que constituem o que Bardin (1977) classifica de corpus de análise. É sobre esses textos que a análise de conteúdo se concentra.

2.2 SEGUNDA ETAPA – A EXPLORAÇÃO DO MATERIAL

Nesta etapa, o corpus de análise constituído por 11 textos foi submetido ao processo de codificação. Conforme Bardin (1977), a codificação consiste na escolha entre três métodos que irão balizar a análise: (i) das unidades de registro e contexto; (ii) das regras de enumeração; (iii) das categorias. Bardin (1977, p. 129) afirma que a escolha da codificação “[...] permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão; susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices [...]”.

A unidade de registro e de contexto é uma partícula do conteúdo que serve de referencial à categorização e contagem da frequência de aparição. Pode ser uma palavra, o tema, o objeto ou referente, o personagem, o acontecimento e um documento. No que diz respeito ao contexto, essa mesma partícula permite entender o significado da unidade de registro, desde que se considere a abrangência do contexto e à conveniência (BARDIN, 1977).

As regras de enumeração são métodos de contagem. Nesse sentido, Bardin (1977), afirma que as enumerações se dividem em presença ou ausência, a frequência, a frequência ponderada, a intensidade, a direção, a ordem e a co-ocorrência. Qualquer que seja a escolha de enumeração, estas regras irão permitir identificar elementos quantitativos na mensagem.

A terceira escolha de análise diz respeito às categorias. Bardin (1977, p. 145), explica que as categorias “[...] são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão das características comuns destes elementos.” A autora pondera que o critério de categorização pode ser baseado em temas.

Por se tratar de uma análise qualitativa / representativa, este estudo adota a regra de categorias, definidas com base nas hipóteses estabelecidas. Foram definidas quatro categorias: (i) Escrutínio e/ou Interferência, analogia sobre expor a redação de um texto aos colegas jornalistas; (ii) Privilégio, analogia sobre a disputa entre autores novatos e veteranos; (iii) Conflito de interesses, analogia a dilemas editoriais por falta de recursos; (iv) Orientado ao editor, observações sobre o planejamento editorial.

Cada categoria foi definida após a etapa de leitura flutuante das 31 colunas que constituem o recorte deste estudo. Dentro de cada categoria, foram alocadas unidades de registro e de contexto. Estas unidades nada mais são do que as marcas que o estudo evidenciou nos 11 textos selecionados para análise.

2.3 TERCEIRA ETAPA – O TRATAMENTO DOS RESULTADOS

Segundo Bardin (1977), esta etapa envolve quatro procedimentos, sendo: (i) operações estatísticas com base em provas de validação, (ii) seleção de resultados, (iii) inferências, e (iv) interpretação. O esforço no tratamento dos resultados concentrou-se, respectivamente, nos três últimos. Conforme exposto anteriormente, este estudo tem como foco as perspectivas qualitativas e representativas.

Neste sentido, as colunas dos ombudsmen analisadas foram organizadas em uma tabela representativa. Cada texto foi classificado numericamente, com seu respectivo título, autor e data de publicação. Após o esforço de análise, em que se buscou mapear as marcas de tensão entre redação e direção do veículo, cada texto foi classificado com base nas quatro⁹ categorias definidas na etapa de exploração do material.

⁹ As quatro categorias, estabelecidas com base em analogias textuais são: (i) Escrutínio / Interferência, analogia sobre expor a redação de um texto aos colegas jornalistas; (ii) Privilégio, analogia sobre disputa entre autores novatos e veteranos; (iii) Conflito de interesses, analogia a dilemas editoriais por falta de recursos; (iv) Orientado ao editor, observações sobre o planejamento editorial.

3 A CRÍTICA COMO TERCEIRO PROCESSO COMUNICACIONAL

A partir dos estudos de Braga (2006), este capítulo apresenta uma breve abordagem sobre a crítica de imprensa, a que o autor classifica como um sistema de resposta social. A afirmação parte da hipótese de que o processo de emissão e recepção da informação não se encerra em si. Para o autor os sistemas de produção e recepção, mesmo diante dos atuais mecanismos de interação, não traduz efetivamente o processo comunicacional.

Ao invés disso, desde as primeiras interações midiáticas, a sociedade age e produz não só com os meios de comunicação, ao desenvolvê-los e atribuir-lhes objetivos e processos, mas sobre os seus produtos, redirecionando-os e atribuindo-lhes sentido social (BRAGA, 2006, p. 22).

Nesse sentido, existiria um terceiro sistema no processo comunicacional, que Braga (2006, p. 22) denomina de “sistema de resposta social”. O autor acrescenta que este terceiro sistema “corresponde a atividades de resposta produtiva e direcionadora da sociedade em interação com os produtos midiáticos”. Trata-se, mais precisamente, ao que Braga (2006, p. 23) denomina de “sistema crítico-interpretativo”.

É neste núcleo onde, segundo o autor, se completa o fluxo comunicacional, que inferimos localizar o trabalho do ombudsman no jornalismo. Essa afirmação parte da premissa, em que Braga (2006) coloca a interação social com a mídia como sistema de resposta. A dinâmica deste sistema “é composta por processos e dispositivos sociais que podem ser reunidos sob a rubrica comum de ‘trabalhos críticos’ sobre produtos midiáticos”. (BRAGA, 2006, p. 45).

Não obstante, Houaiss e Villar (2009, p. 202) definem o termo crítica como “arte ou técnica de julgar a obra de um autor, período etc.”, acrescentando que tal técnica é desempenhada por um “conjunto de pessoas que exercem tal atividade”. Diante do exposto, é dentro do terceiro processo midiático onde se situa a crítica de imprensa realizada pelo ombudsman, que se configuram as marcas geradoras de tensionamentos.

Um processo interacional sobre a mídia e seus produtos pode ser considerado “crítico” quando atenda a pelo menos um dos seguintes requisitos: a) é crítico porque tensiona processo e produtos midiáticos, gerando dinâmicas de mudança; b) é crítico porque exerce um trabalho analítico-interpretativo, gerando esclarecimento e percepção ampliada. (BRAGA, 2006, p. 45-46).

Ao situar-se como agente na interação social entre imprensa e a sociedade, as críticas de imprensa por meio do ombudsman se chocam com os processos de produção jornalística. Em uma esfera organizacional, por vezes, verticalizada, cujas decisões são dimensionadas de cima para baixo, Braga (2006, p. 46) as classifica como “enfrentamento tensional”. Uma crítica que está inserida entre dois polos organizacionais, o da redação e da direção do veículo.

Sendo a crítica resultado da interação entre sociedade e mídia, Braga (2006), preconiza que a mesma é mais facilmente assimilada a partir de lógicas analíticas-interpretativas construídas a partir da crítica acadêmica e em última análise da crítica jornalística. Mais uma vez, é nesta última em que se situa o trabalho do ombudsman de jornalismo, que para uma melhor compreensão de atuação, será abordada a seguir.

3.1 OMBUDSMAN DE IMPRENSA – BREVE HISTÓRICO

A ideia da crítica como terceiro processo comunicacional, imiscuída no ato de designar um indivíduo para o cargo de ouvidor não é recente. A história registra a presença deste profissional já na Roma antiga por meio dos tribunos da plebe, que segundo a definição de Houaiss e Villar (2009), eram oradores designados a defender os direitos da população. Ao avançarmos na história, os bispos do Brasil colonial eram designados ouvidores da Coroa (COSTA, 2006).

Porém, Gallo (1986), ao traçar uma distinção entre ouvidor e ombudsman, pontua que no Brasil colonial, os ouvidores das Capitanias Hereditárias tinham a sua função mais ligada ao poder judiciário. Atuando como Corregedor-Geral da Justiça, o autor descreve como estes ouvidores tinham amplos poderes, desde uma simples averiguação até amplas investigações em todas as capitanias:

Talvez porque pudesse fazer devassas é que alguns acabam por compará-lo ao Ombudsman. E o ombudsman, esse desconhecido, quais são então suas atribuições? O Ombudsman é um cargo que foi criado na Suécia em 1809 pela Constituição que foi até bem pouco tempo a mais antiga da Europa, fortemente influenciada pelas idéias de Montesquieu, para coibir abusos praticados contra cidadãos por funcionários da Administração Pública, por funcionários da Administração da Justiça e por militares que tenham cometido qualquer ilegalidade mediante favor, parcialidade ou qualquer motivo, ou não tenham preenchido de maneira satisfatória os deveres e atribuições inerentes ao seus cargos (GALLO, 1986, p. 258).

No século XIX o jornalismo já demonstrava preocupação com critérios editoriais. Além do comportamento, aspectos como a busca pela imparcialidade se transformaram em códigos de conduta públicos. Não obstante, a interação com os leitores era estimulada por meio de colunas denominados de ‘cartas ao editor’. Nestes espaços, os leitores tinham a chance de questionar eventuais excessos no trabalho dos jornalistas (ORGANIZATION OF NEWS OMBUDSMEN & STANDARD EDITORS, 2020).

Porém, nos Estados Unidos, o início do século XX é marcado por um cenário de disputa entre veículos populares. A chamada imprensa amarela¹⁰, desencadeou iniciativas de controle, como o *Bureau of Accuracy and Fair Play*. Criado em 1913 pelo jornal *New York World*, tratava-se de um canal para que os leitores encaminhassem reclamações. Em países como a Suécia (1916) e Japão (1922), medidas semelhantes foram adotadas com a criação de comissões e painéis como canais de reclamação dos leitores (O.N.O, 2020).

Mas é somente em 1967, nos Estados Unidos, em artigo publicado na edição de março da revista *Esquire*, que o jornalista Bem Bagdikian faz a primeira proposta de criar o *newspaper ombudsman*¹¹ (COSTA, 2006). O pano de fundo para a sugestão de Bagdikian era a crise de credibilidade que tomava a imprensa americana. Esta crise é contextualizada por Secco (2018), que cita a manipulação da opinião pública a respeito da guerra no Vietnã como prioridade do governo americano.

¹⁰ O termo refere-se à imprensa sensacionalista que surgiu no fim do século XIX nos Estados Unidos.

¹¹ A expressão *newspaper ombudsman*, em tradução literal para o português, significa *ouvidor de jornal*.

Em julho do mesmo ano, quatro meses após a proposta de Bagdikian, o editorialista do jornal *The New York Times*, Abe H. Raskin, respondeu à provocação com o artigo intitulado *A newsman's press critique of the press; What's Wrong With American Newspapers? (Cont.) 'Almost half the country's paper belong to chains or other absentee owners'*¹² (RASKIN, 1967). No mesmo mês da publicação, Costa (2006) pontua que a proposta de Bagdikian vira realidade, quando John Herchenroeder torna-se o primeiro ombudsman da imprensa americana.

A partir da iniciativa americana, a prática de designar um jornalista para o cargo de ombudsman em veículos de imprensa começa a crescer. As atribuições do cargo, em que a crítica é o principal pressuposto, formaria um grupo diverso, contudo organizado. Assim, no fim dos anos de 1970, a sugestão do jornalista canadense John Brown, ombudsman do *Edmonton Journal*, era o de criar uma entidade (O.N.O, 2020).

Em 1980 surge a *Organization of News Ombudsmen & Standard Editors*, cujo objetivo é a troca de experiências e ideias, bem como formar uma rede de apoio. De acordo com o site da entidade, a organização é dedicada “[...] a proteger e melhorar o jornalismo de qualidade, incentivando um discurso respeitoso e verdadeiro sobre as práticas e propósitos do jornalismo” (O.N.O, 2020).

3.2 O OMBUDSMAN NO JORNALISMO BRASILEIRO

A crítica, no contexto do jornalismo brasileiro, remonta aos anos de 1960, por iniciativa do jornalista Alberto Dines¹³. Este início não foi marcado ao instituir-se o cargo de ombudsman a um jornalista, visto que a função ainda se desenvolvia no mercado jornalístico americano. No Brasil, foi necessário o amadurecimento da indústria jornalística, conforme explica Silva (2018):

¹² Em tradução literal “A crítica da imprensa feita por um jornalista; O que há de errado com os jornais americanos? (Cont) Quase metade dos jornais do país pertencem a redes ou outros proprietários ausentes”.

¹³ Alberto Dines (Rio de Janeiro, 19 de fevereiro de 1932, 22 maio de 2018) foi um jornalista, professor, biógrafo e escritor brasileiro. Iniciou carreira no jornalismo em 1952 na revista “A Cena Muda”. Em 1962, tornou-se chefe do “Jornal do Brasil”, fez profundas modificações gráficas e editoriais no periódico, que se tornariam tendência no jornalismo brasileiro. Foi fundador do “Observatório da Imprensa”, o mais proeminente espaço de análise da imprensa no Brasil.

Essas condições só se estabeleceram a partir dos anos 1950, mas especialmente depois dos 1970. Infelizmente, mesmo depois disso, foram muito poucas as situações em que empresários permitiram que se fizesse alguma coisa que fosse além da obtenção de bons resultados financeiros. Poucos investiram, ainda que modestamente, na implantação de métodos rigorosos para fazer ou conhecer os jornais. Praticamente, apenas duas situações ocorreram: o JB nos anos 60 e a Folha nos anos 80 (SILVA, 2018).

O autor pontua que o estabelecimento da indústria jornalística no Brasil implicou em uma série de reformas editoriais, gráficas e de produção. Entre aqueles que capitanearam as transformações, estão Samuel Wainer, Danton Jobim e Pompeu de Souza. Mas é Alberto Dines, inspirado pelo modelo americano de produção jornalística, durante passagem na revista americana *Visão*, que consolidaria o caminho para a crítica no jornalismo brasileiro (SILVA, 2018).

Sob a direção do *Jornal do Brasil* a partir de 1962, dois anos mais tarde, em 1964, Dines embarca para um curso de extensão na *Columbia University*, de Nova York. No retorno ao Brasil, a parceria com jornalista Fernando Gabeira resultaria na criação dos *Cadernos de Jornalismo*, lançados em maio de 1965. Na primeira edição, Abreu (2018) chama a atenção para o texto de apresentação, em que Dines destaca a necessidade da crítica jornalística como forma de aprimoramento:

‘Este não é o jornal do jornal. É apenas um tímido ensaio de um jornal para jornalistas. Será isso possível? Será isso por demais pretensioso? Não conseguimos manusear com tanta habilidade a atenção e o interesse de centenas de milhares de leitores, não conseguiremos manobrar com os meandros da curiosidade dos jornalistas? Jornalista não é leitor? Se não é leitor, como conhece os seus segredos?’ (nº 1, maio de 1965, p. 1). E, mais adiante: ‘Como cumprir a função educativa e de difusão cultural se ao próprio jornalista não forem fornecidas oportunidades para o seu aprimoramento?’ (ABREU, 2018, p. 15-16).

Ao questionar se jornalista não é leitor e ao inferir sobre a oportunidade de autoaprimoramento, Dines antecipa a necessidade, que Braga (2006) classifica de crítica não difusa. Posta em perspectiva, o autor afirma que o contrário, ou seja, a adoção de um modelo crítico difuso, resulta em uma voz externa ao objeto de produção. Este deslocamento da voz crítica, quando oriunda de fora, adquire um caráter independente, como o praticado na literatura, nas artes ou no teatro.

Assim, é interessante iniciar por um processo “em contraste”: críticas internas. Além disso, como as críticas em geral apresentam uma ação difusa sobre a produção (e frequentemente apenas na medida da eficácia de sua ação sobre os usuários), parece produtivo abordar, de início, uma crítica que, sendo elaborada diretamente no âmbito institucional da produção, pode ter incidência imediata sobre esta (BRAGA, 2006, p. 89).

A crítica interna foi um estratagema adotado pelo jornal americano *The New York Times* que levou Alberto Dines a criar os Cadernos de Jornalismo. Intitulada de *Winners and Sinners*¹⁴, a publicação do *Times* circulava internamente, em que os jornalistas debatiam de forma crítica as falhas cometidas no jornal. Nas palavras de Dines, citadas por Silva (2018), “não chegava a ser um ombudsman, era mais a coisa técnica, mas havia um espírito crítico. Achei aquilo muito bom”.

Diferente do jornal *The New York Times*, a publicação criada por Dines ultrapassou os limites das redações. Em 1968, os exemplares eram comercializados em livrarias e utilizados nas escolas, não se restringindo apenas ao profissional jornalista. Desta maneira, artigos e reportagens que refletiam sobre jornalismo e comunicação estavam ao alcance de um público diverso, proporcionando reflexões pedagógicas sobre a mídia (SILVA, 2018).

Os Cadernos de Jornalismo e Comunicação podem ser considerados uma iniciativa precursora de criação de um espaço para análise e discussão do desempenho da mídia. Para Marques de Melo, por meio da experiência dos Cadernos, Dines e seus colegas demonstravam uma inquietação intelectual que ultrapassava o interesse pela prática em si. Dines, mais tarde, avaliaria aquela como uma tentativa de ‘somar experiências com reflexão resistindo à tentação de fazer ciência’ (SILVA, 2018).

Em 1975, Alberto Dines é convidado por Cláudio Abramo a escrever para o jornal Folha de S. Paulo. A proposta inicial dizia respeito a uma coluna diária, intitulada ‘Rio de Janeiro’. Mas, além da coluna, Dines propõe ao publisher do jornal, Octavio Frias de Oliveira, espaço adicional para crítica de imprensa. O veículo, que passava por um momento de transformações internas, estreava então a coluna ‘Jornal dos Jornais’. Estava lançado o embrião, que quatorze anos mais tarde (1989) resultaria no primeiro ombudsman de imprensa do Brasil (ABREU, 2018).

¹⁴ Em tradução literal “Vencedores e Pecadores”.

Segundo Costa (2006), desde o ano de 1986 a direção do jornal Folha de S. Paulo planejava a implementação de um ombudsman. E acrescenta que o então publisher “Frias Filho decidira adotar o programa, depois de acompanhar o sucesso do ombudsman do diário norte-americano *The Washington Post* e do espanhol *El País*” (COSTA, 2006, p. 12). Na ocasião, o veículo se encontrava em um contexto de modernização iniciado em 1984, liderada pelo jornalista Carlos Eduardo Lins da Silva (BALTHAZAR, 2021).

Em junho de 1989, Caio Tulio Costa, então correspondente do jornal Folha de S. Paulo na França, é convidado a assumir o cargo de ombudsman. Antes de assumir efetivamente o posto, em 24 de setembro de 1989, Costa (2006, p.12) afirma que sua primeira ação ao chegar na redação “foi reler um pouco do ‘Jornal dos Jornais’, a coluna de crítica da mídia com a qual em meados dos anos 70 o jornalista Alberto Dines, na Folha, ensinava jornalismo em público”.

Segundo Abreu (2018), em 1975 a crítica de imprensa era vista pela direção da Folha como fonte de problemas. Porém, em 1989 passa a ser uma estratégia frente as experiências internacionais (COSTA, 2006). A estratégia é explícita em outras experiências no Brasil, a exemplo do jornal o Diário do Povo¹⁵. Ao implementar o ombudsman em 1994: “A ideia [...] era mais uma entre outras para enfrentar o concorrente e angariar mais leitores e, portanto, faturamento” (CHEIDA, 2018, p. 55).

Na redação da Folha, do embrião ao estabelecimento efetivo, a ideia da crítica transmutou. Para Alberto Dines, emissor e receptor situavam-se no mesmo espaço, constituindo-se objeto único. “O jornalista e o leitor, assim, fazem parte de um mesmo bolo social; são, em última análise, a mesma coisa” (DINES, 2009, p. 73 apud CHEIDA, 2018, p. 81).

Mas em 1986, o então postulante ao cargo de primeiro ombudsman de imprensa no Brasil, Caio Tulio Costa, afirma que “o jornalista e o jornalismo são cada um em si e em referência mútua somente mediante um terceiro que sem dúvida é o primeiro, ou seja, aquilo de onde o jornalista e o jornalismo tiram sua razão de ser: a informação” (COSTA, 2006, p. 236).

¹⁵ O jornal Diário do Povo foi publicado na cidade de Campinas, no interior do estado de São Paulo. De propriedade da Rede Anhanguera de Comunicação, deixou de circular em 04 de novembro de 2012.

3.3 A CRÍTICA DE IMPRENSA: MAPEAMENTO DE TENSÕES

Em que pese o fato de o veículo de imprensa constituir-se em um corpo organizacional, cabe, diante deste aspecto, localizar o ombudsman dentro de um modelo hierárquico em pirâmide. A partir dos conceitos da Teoria Organizacional preconizada por Warren Breed, Carvalho e Messagi Júnior (2019) afirmam que o teórico divide esse corpo em três categorias - *Executives*, *Intermediários* e *Staffers*:

Duas categorias principais devem ser consideradas nessa relação, segundo Breed. De um lado, estão o que ele chama de *executives* (proprietários dos veículos e editores), os quais detêm cargos de chefia, nesse caso, e, de outro, os “*staffers*” (repórteres), aqueles que estão subordinados hierarquicamente a alguma chefia e, por seu turno, não detêm cargos de comando. Breed considera ainda a existência de um terceiro grupo intermediário que estaria entre ambos, composto por editores assistentes ou equivalentes, os quais estariam no meio da pirâmide (CARVALHO; MESSAGI JÚNIOR, 2019, p. 107).

Considerando o modelo organizacional de Breed, o ombudsman de imprensa localiza-se no plano intermediário. É necessário ressaltar que esta perspectiva se apoia em experiências concretas, como o jornal Folha de S. Paulo e do periódico literário independente RelevO. Segundo Costa (2006), no plano físico, o espaço de trabalho do ombudsman no jornal Folha situa-se em área separada, entre a direção e a redação. No plano hierárquico, o trabalho dos ombudsmen analisados no jornal RelevO ocorreu sob a mesma perspectiva, ou seja, a intermediária, por estarem inseridos no conselho editorial do veículo.

Figura 1 – Colunas Ombudsman do jornal RelevO



Fonte: jornal RelevO (2014; 2019)

Isto posto, Carvalho e Messagi Júnior (2019, p. 107) observam que, “quanto mais próximo do topo, no entanto, maiores os níveis de lealdade ao grupo acima”. Porém, considerando a natureza da crítica de imprensa exercida pelo ombudsman, o que se observa são tensões localizadas entre dois polos distintos de força – os *Executives*, em que se localiza a direção do veículo, e os *Staffers*, onde residem os jornalistas encarregados da construção da notícia.

Face a este mapeamento, considerando que os polos de tensão estão próximos, apenas separados por uma zona intermediária, Braga (2006, p. 55), postula a ideia de “contigüidades e tensões [que] corresponde a perceber que a mídia e os processos midiáticos em geral interferem nas atividades de outros setores”. Devido a esta interferência, Oliveira (2010, p. 265) citando Mesquita (1998), diz que o ombudsman de imprensa “consiste sobretudo na possibilidade de criticar o jornal nas suas próprias páginas, sendo antes de mais um intermediário”.

Assim, o ombudsman dentro dos produtos jornalísticos, exerce uma autocrítica pública do jornalismo ao problematizar a prática por meio de colunas fixas nas páginas dos veículos de imprensa. Trata-se de um tipo de experiência que Oliveira (2010) classifica de prática meta-midiática ou metajornalística. Neste sentido, a autora acrescenta que o metajornalismo se caracteriza em:

[...] uma função crítica e simbólica, porquanto pode o jornal ser discutido nas suas próprias páginas, ‘prolongando no espaço público o debate sobre questões editoriais que, tradicionalmente, não extravasavam do conclave secreto das redações [sendo] uma função mediadora entre os jornalistas e os leitores’ (MESQUITA, 1998 apud OLIVEIRA, 2010, p. 267).

Ao estender a discussão sobre a prática jornalística para o espaço público, o jornalista alçado ao cargo de ombudsman, cria um espaço de interlocução com os leitores. Os textos das colunas, construídos a partir de comentários metadiscursivos, possibilitam aperfeiçoar as decisões editoriais por meio de acompanhamento contínuo da prática jornalística (STANCKI, 2018). Porém, a atuação do ombudsman, que Oliveira (2010) classifica de ‘desmontar’ o trabalho do jornalista, se traduz em tensionamentos gerados ao se questionar publicamente o discurso do veículo.

4 JORNALISMO CULTURAL EM RELEVO

Conforme abordado na introdução deste trabalho, Traquina (2005) indica que o primeiro artigo de crítica da imprensa surgiu no século XIX. Porém, este espaço já estava presente nos periódicos do século XVIII, logo após a invenção da imprensa, por meio da crítica cultural. Segundo Alves (2008), não há precisão exata do surgimento do que se conhece hoje como jornalismo cultural.

Para o jornalista e teórico do jornalismo de cultura Daniel Piza, um marco foi a criação, em 1711 da revista inglesa *Spectator*, pelos críticos Richard Steele (1672-1729) e Joseph Addison (1672-1719). Steele já havia criado, alguns anos antes, uma publicação semelhante chamada *Tatler*, mas esta não teve o mesmo alcance da segunda (ALVES, 2008, p. 13).

Conforme pontua a autora ao citar o jornalista e teórico Daniel Piza, a presença dos críticos no jornalismo cultural traduz a vocação para o espaço do gênero crítica na imprensa. O espaço de fala no jornalismo cultural, traduzido por opiniões, nasceu do contexto de luta entre o absolutismo inglês e a elite da época, que ensejava conquistar protagonismo político e social (ALVES, 2008).

Em países como Estados Unidos e Brasil, o jornalismo cultural se desenvolve por meio da crítica a partir do século XIX. No caso brasileiro, autores como Machado de Assis, José Veríssimo, Silvio Romero, Araripe Jr e Oswald de Andrade foram pioneiros na profissionalização da imprensa brasileira ao produzirem críticas culturais em periódicos de imprensa (ALVES, 2008).

A essa geração de autores, classificada por Piza (2010) de *fin-de-siècle*, o que temos no início do século XX no Brasil, é um jornalismo cultural especializado na análise crítica. A presença dos literatos ainda é predominante, o que reforça a profissionalização desse tipo de jornalismo na medida em que:

[...] os jornais e as revistas vão dar mais espaço ao crítico profissional e informativo, que não só analisa as obras importantes a cada lançamento, mas também reflete sobre a cena literária e cultural. Dada as dificuldades de viver de literatura no Brasil (o que persiste até hoje), muitos escritores passaram primeiro pelo jornalismo e pela crítica (PIZA, 2010, p. 32).

Neste período, o autor cita nomes como Lima Barreto e Mario de Andrade, ambos responsáveis por obras como ‘As recordações do Escrivão Isaías Caminha’ e ‘Paulicéia desvairada’, respectivamente. Faz-se importante destacar a primeira, em que Lima Barreto, inserido no universo do jornalismo cultural, satiriza as rotinas de trabalho em uma redação jornalística (PIZA, 2010). A época de ouro da crítica no jornalismo cultural se deu entre os anos de 1940 e 1960.

Neste período, Piza (2010, p. 34) cita autores como Álvaro Lins e Otto Maria Carpeux. Ambos adotam um estilo de crítica que combina “o jornalismo e o enciclopedismo”, características que abarcam visões políticas através de textos estruturados em técnicas ensaísticas. Em 1956, o jornal O Estado de S. Paulo lança, sob a direção de Décio de Almeida, um caderno intitulado *Suplemento Literário*, que Piza (2010) classifica como um marco na história do jornalismo cultural brasileiro.

O que se observa é que, após um longo período de amadurecimento, o jornalismo cultural emerge nos grandes veículos nacionais, enriquecido por uma crítica especializada, em que a literatura ocupa lugar de destaque. Essa faceta é destacada por Piza (2010, p. 37), ao reproduzir as palavras de Décio de Almeida: [...] uma publicação que se intitula literária nunca poderia transigir com a preguiça mental, com a incapacidade de pensar, devendo partir, ao contrário, do princípio de que não há vida intelectual sem um mínimo de esforço e disciplina.”

Carvalho (2020), explica que a partir do golpe militar em 1964, o que se verifica na imprensa brasileira é uma elite empresarial das comunicações, em parte aliada aos militares e ao mesmo tempo limitada pela censura. É neste contexto que surgem iniciativas de jornalismo alternativo. O termo “alternativo” se aplica a veículos de oposição ao regime, mas que também abrigam em suas páginas espaço para a pauta cultural.

Entre as publicações alternativas, destaca-se O Pasquim (1969), que para além da política, agregou ao seu conteúdo humor e cultura. Alves (2008, p. 20) acrescenta que “essa publicação modernizou a linguagem dos jornais e revistas brasileiros e trouxe uma forma de abordagem completamente nova”. Nesse sentido, a celebre entrevista com a atriz Leila Diniz, apresenta um jornalismo cultural (alternativo) sintonizado com o anseio das gerações dos anos de 1960 e 1970 (CARVALHO, 2020).

Com a redemocratização a partir dos anos de 1980, o jornalismo cultural ocupa as páginas dos principais periódicos do país. Entre estes veículos, Alves (2008) destaca os jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo, que inauguram seus respectivos suplementos culturais, *Ilustrada* e *Caderno 2*. “Os dois cadernos fizeram história em meados dos anos 80 até início dos anos 90, sintonizados com a efervescência cultural que a cidade vinha ganhando e com o espírito de abertura democrática do país (PIZA, 2010, p. 40).

Já nos anos 90, essa atmosfera de criação é rompida e se inicia uma onda de críticas ao jornalismo cultural, que cada vez mais assume a postura de divulgação de eventos, em detrimento das reflexões acerca do tema. Com isso, o terreno abriu espaço para o lançamento de novas publicações, que vinham ocupar as brechas deixadas para um público mais especializado e exigente (ALVES, 2008, p. 21).

A exemplo dos cadernos *Ilustrada* e *Caderno 2*, Piza (2010, p. 41) pontua que no fim dos anos 1990, enquanto para o primeiro “o peso relativo da opinião diminuiu sensivelmente, e a agenda passiva começou a se tornar dominante, [no segundo há redução na] qualidade do texto e a mesma força de opinião”.

À perspectiva sobre a falta de reflexões profundas, fundamentadas por meio de uma crítica elaborada, há que se abordar dois aspectos. O primeiro, citado por Piza (2010), diz respeito a uma pesquisa¹⁶ elaborada no ano de 1996 sobre valores culturais. Em relação a pesquisa, o autor observa que “a maioria das pessoas ‘associa’ cultura a algo inatingível, exclusivo dos que leem muitos livros e acumularam muitas informações, algo sério, complicado, sem a leveza de um filme-passatempo” (PIZA, 2010, p. 46).

O segundo aspecto abarca as transformações tecnológicas da internet que abalaram os modelos de negócio dos jornais de grande circulação no fim dos anos de 1990 (LACERDA, 2016). A soma desses fatores vai progressivamente modificando os espaços de investimento. Em um cenário de crise, o jornalismo cultural é posto em segundo plano, com redução de espaços e de crítica especializada.

¹⁶ O autor refere-se a uma pesquisa realizada pela Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte em 1996, onde se questionou os valores culturais de filmes do diretor Steven Spielberg. O resultado apontou a percepção de que tais conteúdos não tinham valor cultural, mas sim de entretenimento (PIZA, 2010).

Consolidado no fim do século XIX como indústria, o jornalismo chega ao século XXI sob um novo paradigma social. Recorrendo ao conceito de determinismo tecnológico de Willians (1983), citado por Marquioni (2017), é possível aferir que as transformações tecnológicas impulsionaram mudanças sociais e culturais nas sociedades. Nesse sentido, a tecnologia

[...] ao mesmo tempo que surge como resultado de estudos técnicos e experimentais, opera transformações na sociedade na qual ela foi gestada. Se nos adaptamos rapidamente a ela, isso é tratado como uma consequência dos tempos modernos (MARQUIONI, 2017, p. 185).

Sendo assim, Lacerda (2016) cita o relatório-manifesto do *Town Center for Digital Journalism* da *Columbia University* do ano de 2012. Na ocasião, o documento conclui sobre a não existência de uma indústria jornalística. Frente as transformações tecnológicas que mudaram os hábitos de consumo de informação nas sociedades, o relatório:

[...] crava a denominação 'jornalismo pós-industrial' para definir a prática da atividade no ambiente digital, em que o principal postulado é desconstruir todos os outros. O termo que melhor resume o jornalismo nesse universo, afirmam os pesquisadores, é liberdade – editorial, técnica, financeira; para quem faz e para quem consome (LACERDA, 2016, p. 20).

Diante do novo universo, o jornalismo como um todo atravessa uma fase de transição em que a atividade não está mais restrita a grandes empresas de comunicação. Nesse sentido, o que se verifica é um rompimento da produção de informação por meio de processos industriais (MARTINS, 2018). A nova ordem estimula o surgimento de iniciativas de nicho, direcionada a um público específico e locais, em que esta última privilegia o jornalismo que abarca uma determinada região.

Em meio as novas possibilidades de produção do jornalismo pós-industrial, Martins (2018, p. 107) diz que “uma das mais proeminentes refere-se à vasta quantidade de veículos independentes que surgem no cenário jornalístico”. No tópico seguinte se apresenta uma breve reflexão sobre essa iniciativa de jornalismo, bem como as suas características.

4.1 O JORNALISMO INDEPENDENTE

Conforme postulado no capítulo de introdução desse estudo, ainda que jornal RelevO se intitule como independente, o que para Bronosky e Santos (2019) trata-se de jornalismo autocentrado e desvinculado de influências políticas e econômicas, o veículo é mantido por assinaturas e anunciantes. Diante do exposto, este trabalho o localiza no jornalismo alternativo, com um projeto editorial que privilegia a literatura de novos autores.

O termo alternativo, inclusive é usado em uma das colunas¹⁷ de Osny Tavares, primeiro ombudsman do jornal e integrante do conselho editorial do veículo. Assim, ao fazer aqui uma abordagem sobre o jornalismo independente, não significa negar a característica alternativa do jornal RelevO, mas discuti-lo pela ótica de como esse veículo se define, um jornal literário independente. Sob essa perspectiva, Martins (2018, p. 107) introduz uma reflexão a partir da seguinte questão:

Esse jornalismo é independente em relação a que? Qualquer pessoa pode argumentar, com razão, que não há (ou ao menos não deveria haver) jornalismo dependente, uma vez que só é possível produzir jornalismo se os profissionais e as instituições estiverem desassociados de outros interesses, como o das fontes, que pretendem veicular suas próprias versões dos fatos, ou das empresas anunciantes, que eventualmente podem ser prejudicadas pelo conteúdo das matérias (MARTINS, 2018, p. 107).

No que diz respeito à linha editorial, Ponciano (2017) explica que o jornal RelevO “[...] é voltado exclusivamente para a literatura, em suas variadas formas de manifestação”. Etimologicamente, a palavra RelevO, que nomeia o jornal, remete a ideia de importância ou aquilo que se destaca entre os demais (PONCIANO, 2017).

¹⁷ ‘Nós e o Cosmo’, coluna do ombudsman Osny Tavares publicada em 01 de abril de 2014. Disponível em: <https://issuu.com/jornalrelevo/docs/relevo_abril_de_2014#google_vignette>. Acesso em: 17 mar. 2024.

Para além da etimologia da palavra “relevo”, é necessário ressaltar que a linha editorial do veículo não se caracteriza como jornalismo literário. É o que explica Fernandes (2017, p. 118), ao afirmar ser “[...] comum as pessoas confundirem o jornalismo cultural com o jornalismo literário. Muitas acreditam que o foco deste são assuntos relativos a literatura, porém essa ideia é equivocada.” O jornalismo literário faz uso de recursos estilísticos da literatura no texto jornalístico.

A literatura contida nas páginas do jornal RelevO nada mais é do que uma expressão inserida em um segmento do jornalismo cultural. Este, por sua vez, “[...] tem como objetivo principal a cobertura e a crítica de manifestações culturais e artísticas, como artes plásticas, cinema, teatro, literatura e música” (FERNANDES, 2017, p. 112). Face ao exposto, o jornal RelevO é um periódico que faz jornalismo cultural independente com foco em literatura.

Do ponto de vista estrutural, as mudanças de ordem econômica e tecnológica, que conduziram o jornalismo da era industrial para um modelo pós-industrial, caracterizam os veículos independentes como:

[...] organizações que, na maior parte das vezes, não são patrocinadas ou publicadas por instituições maiores, tampouco visam tornar-se fonte de lucro para os acionistas, mantendo a perspectiva de permanecerem autossustentáveis; contam com uma grama diversificada de fontes de renda; tendem a contratar *freelancers*, pela dificuldade de pagar salários fixos [...] (MARTINS, 2018, p. 108).

Nesse contexto, o jornal RelevO é editado por dois jornalistas, Daniel Zanella e Mateus Ribeirete. O veículo conta com um diagramador, dois infografistas e um advogado. Composto por oito integrantes, a publicação dispõe de um conselho editorial que reúne, em maioria, jornalistas e escritores. Ponciano (2017) afirma que, “o jornal é organizado mensalmente e constituído por textos recebidos, que são selecionados e distribuídos ao longo das páginas”.

A seção ‘Publique’, no site do veículo, informa que são aceitos contos, resenhas, ensaios, poesias entre outros gêneros textuais. Os materiais são submetidos ao conselho editorial, que delibera sobre a publicação dos mesmos (RELEVO, 2023). Neste sentido, a crítica adquire centralidade no conselho editorial, uma vez que se insere no critério de escolha do material curado, bem como na participação de seus membros ao cargo de ombudsman.

[illegible]

Esta centralidade é característica no jornalismo cultural, pois tem a premissa da cobertura crítica das produções e manifestações culturais, entre as quais o jornalismo cultural com foco em literatura. Fernandes (2017) acrescenta que este tipo de jornalismo se constitui em dois gêneros, informativo e opinativo. No que diz respeito ao opinativo, são textos onde:

[...] destacam-se críticas e resenhas, em que o profissional acompanha uma performance; lê uma obra literária; assiste a um filme, uma peça ou outro espetáculo; visita uma exposição; ou analisa o resultado da produção, adiantando impressões e indicando pontos fortes e fracos (FERNANDES, 2017, p. 113).

No jornal RelevO, o gênero opinativo se manifesta internamente, na crítica de curadoria, pois é a avaliação do conselho editorial que determina a publicação de trechos das obras literárias. A atuação crítica da curadoria não se confunde com o gatekeeper¹⁸, pois segundo Ribeiro (2019), este tem origem em pesquisas que norteiam decisões sobre hábitos de consumo, aspecto não contemplado em um veículo alternativo.

¹⁸ Nos anos de 1950, o termo gatekeeper foi absorvido pelo jornalismo a partir dos estudos de David Manning White, que analisou os critérios de escolha das notícias publicadas nos jornais (RIBEIRO, 2019).

Opostamente, a curadoria do conselho editorial transita no que Pena (2006, p. 41), classifica de crítica literária. Nesse sentido, o autor afirma que “o objetivo é buscar o motivo de existência da obra, formulando o que os gregos chamavam de juízo axiológico. A palavra axios indica aquilo que é digno de ser admirado”. Ponciano (2017) conclui que:

[...] quem escreve coloca muito de si no que produz, o que no universo da literatura acaba tendo impacto no ego dos escritores. [Assim], todo impresso voltado para a literatura precisa lidar com isso, e tem que se manter muito firme com as escolhas editoriais, que precisam estar pautadas na qualidade do texto, e não na influência pessoal de quem escreve (PONCIANO, 2017).

A tomada de decisões é inerente ao processo jornalístico. No jornalismo cultural não é diferente. Mesmo em iniciativas alternativas, as deliberações de ordem editorial, resultam de um processo crítico de escolha, que faz dos jornais, aquilo que Ribeiro (2019, p. 76) classifica de “um espaço em constante tensão”.

5 ANÁLISE DE CONTEÚDO DO JORNAL RELEVÓ

Os resultados da pesquisa abarcam onze casos a partir de colunas¹⁹ produzidas pelos ocupantes do cargo de ombudsman, distribuídas da seguinte forma: Osny Tavares (6), Whisner Fraga (4) e Morgana Rech (1). A não equidade na quantidade de textos analisados entre os respectivos colunistas se deve a diferença no período de permanência de cada ombudsman na função. Não obstante, o critério de pertinência na etapa de leitura flutuante e posterior análise, influenciaram no resultado.

A análise está dividida tematicamente nas quatro categorias em que são apresentadas as marcas de tensão entre redação e direção do jornal. Neste sentido, cada bloco temático reúne, por critério de pertinência, fragmentos e discussões dos três autores analisados.

As categorias se dividem em: (i) Escrutínio e/ou Interferência, analogia sobre expor a redação de um texto aos colegas jornalistas; (ii) Privilégio, analogia sobre disputa entre autores novatos e veteranos; (iii) Conflito de interesses, analogia à dilemas editoriais por falta de recursos; (iv) Orientado ao editor, observações sobre o planejamento editorial.

Tabela 1 – Análise representativa das colunas *Ombudsman* do jornal RelevO

Nº CASO	TÍTULO	AUTOR	DATA	CATEGORIAS			
1	Uma história pessoal da impressão	Osny Tavares	01/01/2014				
2	Nós e o cosmo	Osny Tavares	01/04/2014				
3	Remetente	Osny Tavares	01/05/2021				
4	Cômico é?	Osny Tavares	01/06/2021				
5	Pode o jornal literário ser moral?	Osny Tavares	01/09/2021				
6	Uma discussão sobre tamanho	Osny Tavares	01/11/2021				
7	Qual é o meu papel?	Whisner Fraga	01/08/2014				
8	Alguns ajustes	Whisner Fraga	01/09/2014				
9	Independência versus receita	Whisner Fraga	01/10/2014				
10	O ombudsman, os leitores e o medo	Whisner Fraga	01/11/2014				
11	Transferências e o paciente-jornal	Morgana Rech	01/02/2020				
LEGENDA				ESCRUTÍNIO / INTERFERÊNCIA	PRIVILÉGIO	CONFLITO INTERESSES	ORIENTADO AO EDITOR

Fonte: jornal RelevO

¹⁹ Os textos analisados neste estudo podem ser encontrados na seção Anexos (ver Anexo A, B, C, D, E, F, G, H, I, J e K).

5.1 ESCRUTÍNIO E/OU INTERFERÊNCIA - ANALOGIAS SOBRE EXPOR A REDAÇÃO DE UM TEXTO AOS COLEGAS JORNALISTAS

Na coluna intitulada ‘Uma história pessoal da impressão’, publicada por Osny Tavares em 01 de janeiro de 2014, o colunista usa o recurso do ensaio para expor a sua experiência pessoal de infância; ler a própria redação diante dos colegas de classe. Se verifica ao longo do texto marcas em que o jornalista traça um paralelo entre essa experiência com os desafios da função de ombudsman.

A exemplo do escrutínio dos colegas ao expor uma redação de autoria própria, ao narrar que: “estavam me avaliando, me desafiando, me julgando, como adversários de pôquer que, em sua imobilidade, transferem a tensão ao apostador na esperança que ele se traia e revele sua mão” (TAVARES, 2014).

O paralelo à ideia de escrutínio associado ao desafio de provocar discussões e tensionamentos inerentes a função de ombudsman estão reunidos no fragmento em que o jornalista compara a sua experiência pessoal de infância ao ato de escrever:

[...] A frente da sala de aula é um palco e o professor, o intérprete de um monólogo compulsório. Por isso, no momento em que parei diante das turmas com meu texto do pinheiro, senti-me invadindo um espaço que não me pertencia [...]. Aquele texto do pinheiro foi a lição de iniciação artística mais importante de minha vida. Descobri que escrever é um ato de provocação. Não estaria aqui se não fosse por ele (TAVARES, 2014).

O colunista, ao expor uma experiência pessoal de infância, aplica uma analogia ao jornalista na função de ombudsman, em que pese a natureza da função, está sob o escrutínio de outros colegas jornalistas frente as possíveis críticas e observações de outro colega jornalista. Nesse sentido, Adísia Sá citada por Perdigão (2018, p. 90) acrescenta que “a coisa mais difícil para nós [jornalistas], no cotidiano, é ouvir”.

Sob a mesma categoria do escrutínio, o estudo abarca a interferência, ou seja, o ato de modificar algo por meio de apontamentos. Sob essa lógica, é necessário lembrar que os textos produzidos pelo ombudsman do jornal RelevO estão sujeitos à revisão para apontamentos de erros. Possíveis revisões se traduzem em marcas de tensão que aparecem de forma alusiva na seguinte passagem:

[...] Nos dias seguintes, não recebi qualquer crítica de conteúdo, infelizmente. O único colega a comentar o texto apenas destacou que, devido àquele 'R' esmagado no canto da página, a professora foi obrigada a interromper a leitura em grupo para tentar decifrar a letra (TAVARES, 2014).

Para além dos aspectos até aqui expostos, a análise identificou tensões por meio da coluna 'O ombudsman, os leitores e o medo', publicada em 01 de novembro de 2014. De autoria do então ombudsman Whisner Fraga, o colunista explicita essas tensões no seu entorno sob um estilo de crítica direta e objetiva. Neste sentido, Fraga (2014) aponta falhas e ajustes sem usar ironias ou figuras de linguagem, como as metáforas:

[...] Apesar de certas rugas que minhas considerações têm causado, corajosamente os editores deste jornal decidiram me manter mais um tempo à frente dessa coluna. Provavelmente perderam anunciantes, assinantes e amigos, Torno a enfatizar que não entrarei nos meandros dos textos publicados, pois creio que minha tarefa não é a de crítico literário (FRAGA, 2014).

Dos 11 textos analisados neste estudo, a incidência de marcas nesta categoria ficou restrita apenas às colunas de ombudsman acima identificadas, representando o menor índice entre as outras três categorias que se seguem.

5.2 PRIVILÉGIO – ANALOGIAS SOBRE DISPUTA ENTRE AUTORES NOVATOS E VETERANOS

Por se tratar de um periódico literário independente, o jornal *Relevo* recebe contribuições de autores iniciantes e veteranos. As contribuições são avaliadas pelo conselho editorial que decide o que será publicado. Isso posto, o texto de Osny Tavares, 'Uma história pessoal da impressão', publicado em 01 de janeiro de 2014, problematiza a disputa entre autores:

[...] O 'espírito do palco' imiscui-se a artistas experientes e novatos de formas distintas. Àquele que logrou formar uma plateia, atrair constante interesse, ser reconhecido pela crítica e admirado pelos pares, a presença no palco está socialmente legitimada e dificilmente gera contestação. O novato precisa marcar posição à força. Antes que a multidão aceite carregá-lo nos ombros, deve gerar em si o manifesto e militar por ele (TAVARES, 2014).

Publicada em 01 de abril de 2014, a coluna intitulada ‘Nós e o cosmo’ emerge em crítica ao estilo ensaístico do colunista Osny Tavares. As marcas de tensão presentes no texto volta a teorizar a respeito dessa disputa. Nas palavras de Tavares (2014), entre os autores literários “há uma rede de proteção e acolhimento, essencial a um ofício tão volátil [...]. O derivativo disso é a formação de grupos de afinidade que acabam por estreitar o diálogo com o meio”.

A consideração do ombudsman ao referir-se a ‘grupos de afinidade’ remete a ideia intrínseca de privilégio, observando que o conselho editorial do jornal RelevO é composto por personalidades com formação em jornalismo, mas também de autores literários. Face ao exposto, a analogia posta na crítica de Tavares (2014) conduz à ideia de privilégio, de disputa entre autores novatos e veteranos, quando o colunista acrescenta que:

[...] Em sua forma contemporânea, esse fenômeno é chamado de ‘compadrio’, substantivo que define a ação de priorizar, indicar e enaltecer uma pessoa com quem se tem alguma relação pessoal ou profissional em detrimento de outras igualmente (ou mais) talentosas e capazes. [...] Impossível imaginar que a empatia será algum dia excluída das redações profissionais. Nem deveria, afinal de contas. Mas o peso do compadrio parece anacrônico ao papel atual dos meios (TAVARES, 2014).

Ao classificar o jornal RelevO como alternativo, Tavares (2014) acrescenta que é função do veículo “trazer a organização da produção cultural para um eixo mais plano e expandir grupos em vez de cristalizá-los”. O ombudsman Whisner Fraga, na coluna ‘Independência versus receita’, publicada em 01 de outubro de 2014, retoma essa abordagem ao discutir os critérios de seleção dos autores publicados no jornal RelevO. A partir do questionamento de um leitor sobre esses critérios, o ombudsman faz referência à sessão ‘Expediente’ do veículo, afirmando não existir um conselho editorial.

[...] Houve também um leitor que questionou a falta de transparência na escolha do editor. Acredito que o jornal deva ter independência para a seleção e acho também que não há necessidade de se tornarem públicos os critérios de definição. Mas vou aproveitar o registro para cobrar novamente que o RelevO deve constituir urgentemente um conselho editorial. A julgar pelo expediente, o grupo ainda não existe. A multiplicidade de pontos de vista só trará benefícios ao periódico (FRAGA, 2014).

Em resposta ao ombudsman sobre a criação de um conselho editorial, o editor tensiona com o colunista ao afirmar que “não há falta de interesse do núcleo mais regular do periódico, apenas nunca conseguimos montar uma equipe que se compromettesse mensalmente em avaliar os critérios” (RELEVO, 2014). A resposta do editor indica a existência de um conselho informal, que na ocasião, não constava no expediente do jornal. Na coluna²⁰ sob o título ‘Qual é meu papel?’, publicada dois meses antes, o ombudsman faz referência ao conselho editorial, o que indica a condição de informalidade do grupo:

[...] Então, a pergunta mais óbvia é: como os textos publicados são selecionados? A julgar pelo expediente, há um pequeno conselho editorial, formado por alguns idealistas, que acreditam que o nosso país necessita de cultura. Não é pouco. [...] Assim, é urgente que se pense em um conselho editorial mais amplo e heterogêneo, para que o jornal cumpra outro papel importante: o de descobrir novos talentos (FRAGA, 2014).

O que se observa a partir dos fragmentos, é que os critérios de publicação dos textos eram definidos pelo núcleo duro do veículo. Nesse sentido, Whisner Fraga aponta para a necessidade de um conselho editorial independente, maior e diverso, com capacidade de delinear critérios precisos para seleção e publicação de textos.

5.3 CONFLITO DE INTERESSES – ANALOGIAS A DILEMAS EDITORIAIS POR FALTA DE RECURSOS

Publicada em 01 de setembro de 2021, a coluna ‘Pode um jornal literário ser moral?’, de Osny Tavares, suscita reflexões sobre a moralidade na perspectiva de um veículo de comunicação, no caso o jornal RelevO. A esse aspecto, o presente estudo estabelece uma ligação entre moralidade a dilemas editoriais por falta de recursos. O caminho para a presente interpretação pode ser verificado no texto do ombudsman, quando Tavares (2021) afirma que por ser “produzido e distribuído para quem o solicita mediante troca monetária, é inegável que o [jornal] RelevO seja um bem”.

²⁰ A coluna ‘Qual é meu papel?’ foi publicada em 01 de agosto de 2014. Disponível em: <https://issuu.com/jornalrelevo/docs/relevo_agosto_2014>. Acesso em: 28 mar. 2024.

O colunista acrescenta à reflexão a seguinte pergunta: “Mas pode o jornal ser bom, em sentido moral?” (TAVARES, 2021). Aqui, o ombudsman coloca em choque polos distintos, troca monetária e moralidade, circunscritos à ideia de se obter um bem, sem que haja conflito de interesses entre ambos. Faz-se necessário lembrar que o jornal RelevO publica textos de autores literários, muitos destes são assinantes do jornal. É nesse contexto que se interpreta a ideia da dualidade moral versus troca monetária.

Se a prestação de serviço, a amplificação de discursos e ideias, a representatividade ou o caráter educativo estão contidos na moral de um veículo, a troca monetária pode causar estragos, como ser agredido por um veículo de comunicação? (TAVARES, 2021). A questão suscitada na análise abarca inúmeras possibilidades de resposta, em variáveis como modelo de financiamento, linha editorial e natureza do veículo (comercial, alternativo, independente ou comunitário). Há uma mensagem, um recado dado por meio da coluna que tenha relação com algum bastidor do veículo?

A resposta a essa pergunta não há indicações no texto, mas na coluna ‘Uma discussão sobre tamanho’, publicada em 01 de novembro de 2021, Osny Tavares, ao tratar dois temas distintos, fornece pistas para uma resposta. O primeiro diz respeito ao tamanho físico do papel. Segundo Tavares (2021) “virar Berliner²¹ é sinal evidente de decadência para um jornal brasileiro”. Ao lançar discussão sobre tamanho, a coluna suscita possíveis estudos editoriais visando modificar as medidas do jornal. A esse respeito, o ombudsman acrescenta:

[...] Caso este jornal se aventurasse a uma nova medida, primeiro, pareceria profissional, o que poderia afastá-lo de sua vocação primeira, que é estimular a escrita. Depois, interessado em inserir-se – como voz e como tema – em um debate social mais hegemônico, o que sempre faz mal à literatura (TAVARES, 2021).

²¹ O tamanho Berliner (31,5 cm por 47 cm) diz respeito a um formato específico adotado em jornais impressos. Embora facilite o manuseio, o Berliner é menor em relação ao padrão Standard (60 cm por 75 cm). O jornal RelevO adota tamanho personalizado, próximo ao Berliner, sendo 31,5 cm por 27,5 cm.

Neste sentido, o ombudsman declara que decisões editoriais, a exemplo de reduzir o tamanho do jornal, comprometeria o espaço de publicação para novos autores. Em outro polo, embora não afirme, o texto do colunista remete a uma pretensa alegação de modernidade, na intenção de igualar-se a modelos jornalísticos hegemônicos. Porém, é premente refletir que decisões editoriais que visem modificar o formato físico de um periódico, carreguem consigo considerações de ordem econômica. Em analogia ao debate social, para o público do periódico, tais decisões podem reverberar, por exemplo, em argumentos travestidos como facilidade para os leitores e sustentabilidade.

A segunda abordagem diz respeito ao autor literário, que Tavares (2021) inclui como pertencente a classe de artistas. Com relação a este, a crítica do ombudsman é enfática ao afirmar que o autor literário “precisa renunciar a qualquer sistema de valores para além do estético” (TAVARES, 2021). O tensionamento aqui, embora não aparente, faz referência à coluna publicada em 01 de março de 2021. Sob o título ‘Quem lê, quem escreve, quem lê’, o texto²² que não foi selecionado para a fase final desse estudo, aborda o caso de um leitor do jornal, que supostamente exigiu ser colunista como contrapartida para assinar o jornal. O caso em questão foi exposto pelo próprio editor do jornal.

A esse respeito, a coluna ‘Alguns ajustes’, publicada por Whisner Fraga em 01 de setembro 2014 retoma o tema sobre autores assinantes. Em sua análise Fraga (2014) faz a seguinte observação:

[...] De qualquer maneira, é importante que a assinatura do jornal não esteja vinculada, de forma alguma, a qualquer tipo de aceite de contribuições. O que quero dizer é que muitos assinantes são também escritores ou aspirantes e deve ficar claro que são, no caso concreto de assinantes, apenas leitores. Essa é a única certeza. Eventualmente podem vir a ser colaboradores, mas eventualmente (FRAGA, 2014).

²² ‘Quem lê, quem escreve, quem lê’ – texto de Osny Tavares publicado na coluna *Ombudsman* do jornal RelevO em 01 de março de 2021. Disponível em: <https://issuu.com/jornalrelevO/docs/relevo_-_mar_o_de_2021>. Acesso em: 28 mar. 2024.

Quando o ombudsman se refere a ‘aceite de contribuições’, se refere a textos enviados por autores novatos e/ou veteranos que sejam assinantes do veículo. O que se verifica por meio do fragmento acima, considerando abordagens pretéritas de Osny Tavares, é que existe uma tensão em torno desse tipo de relação que extrapola o conselho editorial, reverberando inclusive na direção do veículo. Fraga (2014), ao sugerir a possibilidade de colaborações eventuais, sem explicar sob que condições ou critérios, abre precedente para a continuidade dessas tensões entre leitores, autores colaboradores, conselho editorial e direção do veículo.

5.4 ORIENTADO AO EDITOR – OBSERVAÇÕES SOBRE O PLANEJAMENTO EDITORIAL

Nesta categoria, para além das tensões que dizem respeito ao planejamento editorial, o estudo identifica diferentes padrões de resposta entre editor e o ombudsman no exercício da função. Na coluna ‘Nós e o cosmo’, publicada em 01 de abril de 2014, o ombudsman Osny Tavares, delibera sobre os canais de comunicação dos leitores com o jornal RelevO:

[...] Falta, porém, um canal adicional ao papel para conhecer, debater e articular novas produções a ser publicadas. O feedback ainda está limitado ao noventista e-mail e ao Facebook do editor, que demanda um filtro de amizade (viram o medo?) para se chegar até ele (TAVARES, 2014).

Osny Tavares, ao criticar que os canais de comunicação com o jornal RelevO estão centralizados em endereços eletrônicos do editor e publisher Daniel Zanella, as marcas de tensionamento emergem a partir da resposta do mesmo, publicada na própria coluna do ombudsman:

[...] Ainda não encontramos uma forma de nos fortalecer financeiramente para podermos investir, por exemplo, em um site que acomodasse toda a nossa produção e proporcionasse maior interação com os leitores [...]. Novas plataformas também podem tornar o RelevO mais orgânico, com notícias diárias sobre concursos e espaços para novos autores, nosso foco maior. Porém, sem querer-me semelho a um ventríloquo, nosso travo para voos mais amplos é a falta de dinheiro (TAVARES, 2014).

Verifica-se que as marcas de tensão entre o ombudsman e o editor do RelevO são caracterizadas, respectivamente, pelo adjetivo ‘noventista’ e o uso da metáfora como figura de linguagem, quando o editor do jornal diz tentar não se parecer com um ‘ventríloquo’. Neste sentido, a direção do veículo busca de forma metafórica e até irônica, responder ao ombudsman e distanciar-se de uma interpretação que o associe a ideia de controle ou manipulação.

É necessário salientar que, na ocasião em que a coluna ‘Nós e o cosmo’ foi publicada, em abril de 2014, o jornal RelevO não dispunha de espaço dedicado as cartas do leitor. Este aspecto seria abordado sete meses mais tarde, durante o mandato do ombudsman Whisner Fraga. Na coluna intitulada ‘O ombudsman, os leitores e o medo’, Fraga (2014) faz uma crítica aos ‘leitores autores’ ao afirmar que “nenhum artista pode ter medo de ousar, de se sujar com a própria indignidade”.

Em sua análise, Fraga (2014) chama a atenção para o escasso feedback dos ‘leitores autores’, que não encaminham comentários para o endereço eletrônico pessoal do ombudsman. O colunista acrescenta ainda que, tais mensagens são enviadas para outro endereço eletrônico, do jornal RelevO e afirma que os remetentes pedem por anonimato. Diante do exposto, o ombudsman direciona a crítica ao planejamento editorial:

[...] Esse preâmbulo todo é para defender que o jornal precisa de um ‘Espaço do Leitor’. Assinantes e público em geral certamente quererão manifestar sua opinião sobre algum texto, sua admiração por algum compadre, seu maravilhamento diante de alguma fotografia ou pintura e assim por diante. Nada mais democrático do que uma assinatura embaixo de um comentário (FRAGA, 2014).

Em nota, publicada na mesma coluna, a resposta do editor é sucinta ao avisar que “[...] a partir de dezembro, abriremos oficialmente a seção Cartas do Leitor. Nesta edição na p. 3, os critérios de publicação” (FRAGA, 2014). O que se verifica nos dois casos, que abarcam a mesma demanda levantada por diferentes colunistas, é o padrão de resposta do editor. No primeiro caso, é percebido o tensionamento face ao uso de figuras de linguagem e ironia, enquanto neste último a observação é prontamente acatada.

As marcas de tensão percebidas no padrão de resposta também são observadas na coluna de Osny Tavares, intitulada 'Remetente', publicada em 01 de maio de 2021. Ao fazer observações sobre o planejamento editorial, Tavares (2021) suscita discussão sobre a identificação dos autores, cujos textos são publicados no jornal, afirmando que "a maioria dos missivistas que vem a nós, leitores do RelevO, é anônima, pois um mero nome e sobrenome, de fato, não dizem muito".

Ao apontar este aspecto, o ombudsman sugere ao editor que se acrescente mais informações a respeito do autor publicado. E o faz de maneira provocativa, usando o adjetivo 'purista' para se referir à sessão 'Publique' do veículo, onde os autores são orientados a não enviar minibiografias ou biografias junto ao material a ser avaliado pelo conselho editorial. Diante do critério vinculado a decisão editorial, o ombudsman argumenta:

[...] Há de se concordar que um rodapé informativo sobre o autor poderia, ainda que sutilmente, influenciar a leitura ou pós-leitura do texto – principalmente no que tange a preconceitos. Puristas não deixariam de argumentar, citando o teórico no início ou no fim, que sobre um autor nada pode ser dito (TAVARES, 2021).

Ao final da coluna do ombudsman, sob o título de 'Da redação', o editor do jornal RelevO responde ao colunista, sob a justificativa de uma premissa editorial impositiva que norteia a regra para autores que desejam submeter textos ao jornal:

[...] Da redação: Seguimos, aqui, as premissas da nossa aba 'Publique', desenvolvida no site do jornal, em que aplicamos aos autores e às autoras publicadas o critério do texto ser mais importante do que o emissor: 'Não há necessidade de enviar minibiografias (ou biografias inteiras). Queremos saber o mínimo possível sobre o autor e/ou suas titulações'. Sabemos da importância do leitorado no processo de diálogo com a nossa publicação, mas não entendemos como fundamental as informações pessoais (TAVARES, 2021).

O tensionamento entre ombudsman e editor se estenderia na coluna seguinte, sob o título interrogativo ‘Cômico é?’. Publicada em 01 de junho de 2021, Tavares (2014), ao tecer elogios à resenha de um romance²³, expressa decepção por não existir informações suficientes sobre o autor. E conclui, “citando a redação, em resposta ao ombudsman na edição passada, ‘não entendo como fundamental as informações pessoais’ (TAVARES, 2021).

Nesta mesma coluna, é possível inferir o tom provocativo do ombudsman, cujo texto inicia fazendo breve reflexão sobre a idade da publicação, que na ocasião completava onze anos de existência. Tavares (2021) observa que o jornal “parece sentir a deriva do tempo. ‘Sentir a deriva’, note-se, é diferente de ‘sentir-se à deriva’. [...] Ou seja, uma pessoa de trinta e poucos anos de idade”. Em sua análise, o ombudsman, ao fazer um paralelo entre passagem do tempo e a linha editorial, sugere que o tempo modificou o caráter do jornal:

[...] Será destino de todo aspirante a escritor começar parnaso e terminar cínico? [...] Uma porção cada vez maior da identidade do jornal vem sendo moldada pelas páginas de humor. Fixas, produzidas internamente ou por colaboradores regulares, são o que o velho editor da finada imprensa escrita chamava de ‘respiro’. [...] Mas, tal como as pessoas, os veículos também precisam estar atentos para não transformar o riso em disfarce (TAVARES, 2021).

Face ao exposto, o ombudsman sugere que o veículo começou evocando poesia e qualidade literária, mas ao longo do tempo tornou-se cínico. O cinismo a que se refere o colunista pode ter vários significados no contexto do jornal. Neste sentido, a interpretação mais próxima é o uso do humor nas páginas da publicação para disfarçar o caráter cínico que esse tipo de conteúdo pode adquirir. Quaisquer que sejam as interpretações, é necessário salientar que o ombudsman faz observações sobre o planejamento editorial em um contexto de pandemia de Covid-19 no Brasil.

[...] O RelevO anterior veio com uma sobrecaça cômica. Penso que o editor se permitiu a brincadeira por imaginar que, estando fechados os espaços culturais em que costumava ser distribuído, o jornal tem encontrado poucos leitores incidentais. Dessa forma, não precisava apresentar-se de imediato (TAVARES, 2021).

²³ O ombudsman se refere a ‘Ulisses 2051’, cuja resenha foi supostamente escrita pelo filho do romancista, autor da obra.

Se nas observações de planejamento editorial de Osny Tavares e Whisner Fraga o espaço de fala ao 'leitor autor' irrompe como democrático, a ombudswoman Morgana Rech subverte essa lógica. Na coluna publicada em 01 de fevereiro de 2020, a colunista reflete sobre a função da crítica no periódico literário RelevO. Logo nas primeiras linhas, observa-se um recado implícito ao editor. No fragmento a seguir, a colunista tensiona ao abordar o jogo de interesses:

[...] Vou dizer que o editor convida alguém que proteja os seus leitores para garantir uma faixa de neutralidade em suas relações editoriais. Se eu fosse analista do jornal, investigaria junto com ele os motivos, os verdadeiros motivos pelos quais ele acha que precisa dessa defesa. Defender os leitores para, no fundo, defender o jornal. Eu faria o possível para sair do lugar de escudo. Eu diria para o RelevO se virar sozinho, pela primeira vez na vida (RECH, 2020).

Na crítica por meio de construções metafóricas, Morgana Rech recebe em seu consultório editores de publicações literárias. A asserção da colunista revela traços de cumplicidade entre ombudswoman e o editor do veículo. Trata-se de um aspecto que compromete a credibilidade e independência da função. Reforça a ideia de que o editor convida um colunista crítico de imprensa para defender os interesses sob o ponto de vista do jornal:

[...] Fico imaginando: o consultório sendo frequentado por editores de jornais e revistas literárias. Apresentando suas queixas sobre a função de seus veículos no espaço editorial. [...] A voz do RelevO, muito provavelmente, seria aquela mais agradável de escutar. A que colabora com o processo, que está a fim da análise (RECH, 2020).

Nesta coluna de Morgana Rech, é possível identificar por meio de asserção da colunista, a condição de esforço no sentido de defender o jornal ao afirmar: "Difícil: ser ombudsman, receber as críticas e elogios dos leitores, ao mesmo tempo chacoalhando os mecanismos de defesas do jornal. Elogiar o jornal, sobretudo, merecido que é" (RECH, 2020). O que se verifica é uma tensão em que a colunista subverte a ideia da crítica e defesa dos interesses dos leitores, posicionando-se como advogada do veículo.

As colunas de Morgana Rech, não elegíveis para a fase final deste estudo, seguem a tendência de poupar o veículo de críticas. O que se verifica são marcas elogiosas ao veículo. É necessário pontuar que, além de compor o conselho editorial do jornal RelevO, Morgana Rech é psicanalista e escritora, com título publicado na editora Penalux, anunciante patrocinadora do jornal.

5.5 QUADRO DE CONTINUIDADES E TENSÕES

Segundo Braga (2006), este quadro se estabelece no ato da crítica direcionada ao objeto criticado. Neste sentido, a continuidade diz respeito à formação profissional do crítico de imprensa. Ou seja, o trabalho de um jornalista é criticado por outro jornalista no cargo de ombudsman. Este aspecto é comum a jornais de grande circulação ou comerciais, pois a “continuidade essencial não decorre do fato de que o *ombudsman* seja ‘funcionário’ do jornal (pois é contratualmente protegido dessa dependência), mas sim de que sua profissão é a mesma dos criticados” (BRAGA, 2006, p. 92). A lógica na escolha de análise do jornal RelevO reside na dicotomia no quadro de continuidades em relação aos jornais de grande circulação ou comerciais.

Considerada a formação profissional dos ombudsmen²⁴ analisados no jornal RelevO, a continuidade entre críticos e criticados é assíncrona²⁵. Isto pois, o conteúdo do jornal é majoritariamente colaborativo, constituído de textos literários enviados por escritores novatos ou veteranos. No RelevO, a crítica de imprensa emerge de profissionais que exercem o ofício de escritor, mas possuem diferentes especializações profissionais. Nos jornais de grande circulação ou comerciais, “o trabalho do *ombudsman*, os critérios e os procedimentos da crítica são estruturalmente internos, ou seja, decorrem diretamente dos padrões da profissão e podem ser julgados segundo os próprios valores da profissão” (BRAGA, 2006, p. 92).

²⁴ Os ombudsmen analisados são escritores com diferentes formações profissionais. Osny Tavares é Jornalista graduado no Centro Universitário Positivo (2006). Whisner Fraga é doutor em Engenharia Mecânica pela Universidade de São Paulo (2003). Morgana Rech possui pós-doutorado em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2021).

²⁵ O caráter assíncrono entre crítico e criticado no jornal RelevO considera o Escritor uma profissão não regulamentada, que não dispõe de um código deontológico, sendo o ato de escrever livros um ofício artístico.

No que diz respeito ao quadro de tensões, no jornal RelevO este aspecto é síncrono, uma vez que a crítica emerge do ombudsman para o veículo. Braga (2006) explica que toda a avaliação crítica gera tensionamento, inclusive nos jornais de grande circulação ou comerciais. A diferença em relação ao jornal RelevO, é que no primeiro “os valores profissionais são utilizados como critério de acompanhamento, cobrança e avaliação” (BRAGA, 2006, p. 92). Em última análise, a avaliação crítica do jornal RelevO não se apoia em valores deontológicos específicos do jornalismo, mas tende a abarcar as decisões editoriais do veículo, resultando em tensionamento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na representação gráfica²⁶ das colunas analisadas, a categoria ‘Orientado ao editor’ aparece com maior incidência de tensionamentos. Neste núcleo, que abarca observações sobre o planejamento editorial, os tensionamentos se caracterizam nos padrões de resposta do editor. Estes padrões de resposta variam de acordo com o ombudsman no exercício do mandato.

Em segundo lugar na amostragem, a categoria ‘Privilégio’, que reúne analogias sobre disputa entre autores novatos e veteranos, as marcas de tensão se constituem a partir de reflexões sobre a busca por legitimação social dos autores novatos junto aos veteranos. Para além deste aspecto, os ombudsmen suscitam questões inerentes aos padrões de transparência na curadoria dos textos.

A categoria ‘Conflito de interesses’, com marcas de tensão em analogias a dilemas editoriais por falta de recursos, aparece em terceiro lugar. Neste núcleo, emergem discussões sobre os princípios editoriais de um jornal, como a moral, quando confrontada com as leis do mercado. A esses princípios, inclui-se não se imiscuir a contribuição literária de autores com a condição de serem assinantes do jornal.

O quarto e último lugar reside a categoria ‘Escrutínio / interferência’, com menor incidência de tensionamentos. No núcleo, que aborda analogias sobre expor a redação de um texto aos colegas jornalistas, os ombudsmen postularam a ideia da crítica como ato de provocação. Neste sentido, a consequência mais direta é ser alvo de julgamento e contestação, considerando que há resistência de outros colaboradores aceitarem a crítica.

Face as hipóteses estabelecidas - (i) a submissão da coluna a revisores para apontamentos ou correção de erros nos textos do ombudsman; (ii) sendo um espaço dedicado a novos autores, os critérios editoriais privilegiam determinados autores em detrimento de outros; (iii) conflito de interesses, uma vez que o veículo se mantém, além de assinantes e serviços especializados, com anúncios publicitários - para afirma-las ou refuta-las considera-se a proposta independente do jornal RelevO, bem como a estrutura organizacional colaborativa.

²⁶ A representação gráfica dos resultados está disponível na Tabela 1 do capítulo 5.

Neste sentido, as tensões entre redação e direção do jornal RelevO, atuam entre três núcleos: no conselho editorial, no ombudsman e no editor responsável pela publicação. Isso posto, é possível afirmar que a crítica dos ombudsmen são alvo de escrutínio a partir dos padrões de resposta oriundos da direção do veículo, ainda que nem todas as colunas apresentem publicadas as respostas do editor do jornal do RelevO.

Por ser uma publicação independente, dedicada ao jornalismo cultural com foco em literatura, é possível afirmar que as tensões atuam nos critérios do conselho editorial para seleção de textos enviados por autores. Por conseguinte, essas tensões fluem de fora para dentro, a partir de questionamentos dos próprios autores aos ombudsmen. Sob este aspecto, é possível identificar nas colunas analisadas, asserções a respeito da transparência na seleção dos materiais destinados a publicação.

Na hipótese de conflito de interesses, face a fonte de receita oriunda de assinaturas, doações e serviços especializados, é possível afirmar que as tensões residem em dois polos distintos – do jornal e dos autores colaboradores. O primeiro diz respeito a decisões que prejudicam a missão primeira do jornal RelevO, de ser um espaço democrático para divulgação de autores literários. Sendo o jornalismo uma profissão regulamentada, que dispõe de um código deontológico, a coluna *Ombudsman* não deixa escapar que os princípios dessa missão não podem se render as lógicas do mercado que pressionam o jornal.

O segundo polo de tensão diz respeito ao conflito de interesses junto aos leitores e autores, que colaboram com textos literários no jornal. É possível afirmar que a tensão surge de condutas não éticas, como o suposto caso do leitor que exigiu ser colunista do jornal RelevO como condição para assinar o jornal. Ou, de autores literários que consideram ter preferência na publicação de seus textos por serem assinantes do veículo. De maneira que as tensões permeiam constantemente os sistemas de valores sociais do leitor e os princípios editoriais do veículo.

Face ao exposto, o resultado do estudo mostra que no jornalismo independente do RelevO, em que pese o sistema de produção colaborativo por meio de contribuições de autores, as tensões entre redação e direção do veículo não se restringem ao núcleo interno do veículo. Essas tensões também fluem de fora para dentro, pressionando o conselho editorial, o ombudsman e o editor do jornal. Em comparação com os veículos de grande circulação comerciais, esse fluxo de fora para dentro também existe, mas está limitado aos leitores que questionam a conduta jornalística desses jornais.

Sob este aspecto último, é importante destacar que o estudo evidencia as múltiplas tensões a que está submetido o jornal RelevO sob a experiência da produção colaborativa. São tensões que se originam por meio de quem o produz, dos autores colaboradores enviam materiais para publicação, bem como do leitor final, que assina o jornal ou contribui com doações com o objetivo de manter o veículo. No jornal RelevO, o texto literário é a matéria prima nos processos de produção jornalística, onde os escritores são as fontes para os editores do veículo.

Assim, o gatilho para as tensões reside no conselho editorial, que escolhe os textos que irão compor a edição do periódico. Sendo a curadoria o principal processo jornalístico do jornal RelevO, os tensionamentos gerados a partir dos critérios de seleção transitam para a coluna do *Ombudsman*. A crítica que incide, não apenas sobre os textos selecionados, mas também de demandas dos leitores/autores e escolhas editoriais, impulsiona novos tensionamentos com a direção do veículo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves. Repórter também é leitor – A criação dos cadernos de jornalismo. In: VARONI, Pedro; OLIVEIRA, Lucy. **Observatório da Imprensa: uma antologia da crítica de mídia no Brasil de 1996 a 2018**. 1º Edição. São Paulo: Editora Casa da Árvore, 2018. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1MkRrTMxqmcXvl6YjEDNQKt0olX738z1/view>> Acesso em: 21 out. 2023.

ALVES, Camila Nobrega Rabello. **A função do jornalismo cultural no século XXI**. 68 p. Monografia (Graduação em Comunicação Social / Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO, Rio de Janeiro: 2008. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/2042>>. Acesso em: 27 fev. 2024.

BALTHAZAR, Ricardo. Lins da Silva implantou reformas na Folha nos anos 1980 e enfrentou ódio das redes como ombudsman. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 de junho 2021. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2021/06/lins-da-silva-implantou-reformas-na-folha-nos-anos-1980-e-enfrentou-odio-das-redes-como-ombudsman.shtml>>. Acesso em: 02 nov. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 5ª Edição. Lisboa: Edições 70, 1977.

BONA, Nivea Canalli. **Jornalismo na sociedade**. 1ª Edição. Curitiba: InterSaberes, 2017.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

BRONOSKY, Marcelo Engel; SANTOS, Luciane Justos dos. A problemática da crítica no jornalismo independente. **Estudos em jornalismo e Mídia**. Vol. 16 Nº 1, janeiro a junho 2019, p. 145-156. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=ED8Y5mYAAAAJ&citation_for_view=ED8Y5mYAAAAJ:kNdYIxmWkoC>. Acesso em: 12 jun. 2023.

CARVALHO, Guilherme. Fundamentos teóricos do jornalismo alternativo. In: CARVALHO, Guilherme. **Jornalismo e Cidadania**: iniciativas colaborativas, alternativas, comunitárias, populares e sindicais no Brasil. 1ª Edição. Curitiba: InterSaberes, 2020.

CARVALHO, Guilherme; MESSAGI JÚNIOR, Mário. Teoria organizacional: a redação sob controle. In: NICOLATO, Roberto. **Teorias do jornalismo**. 1ª Edição. Curitiba: InterSaberes, 2019.

CENTURIÃO, Alberto. **Ombudsman**: a face da empresa cidadã. São Paulo: Educator, 2003.

COSTA, Caio Túlio. **Ombudsman: o Relógio de Pascal**. 2ª Edição. São Paulo: Geração Editorial, 2006.

_____. Prefácio. In: JAVORSKY, Elaine; GADINI, Sérgio. **Ombudsman no jornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2018. p. 09-13.

CHEIDA, Marcel. A brevidade do ombudsman na imprensa de Campinas. In: JAVORSKY, Elaine; GADINI, Sérgio. **Ombudsman no jornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2018.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Ponto de Vista: Um tributo a Alberto Dines. **objETHOS - Observatório da Ética Jornalística**, Santa Catarina, 22 de maio de 2018. Disponível em: <https://objethos.wordpress.com/2018/05/22/ponto-de-vista-um-tributo-a-alberto-dines/>. Acesso em: 22 set. 2023.

FERNANDES, Alessandra Lemos. **Jornalismo: especialização e segmentação**. 1ª Edição. Curitiba: InterSaberes, 2017.

FERRARI, Pollyana. **Como sair das bolhas**. São Paulo: Armazém de Cultura, 2018.

FIGARO, Roseli; NONATO, Cláudia. **Arranjos jornalísticos alternativos e independentes no Brasil**. ECA-USP: Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho. E-book, PDF (224 p.): il. color. 2021. Disponível em: <<https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003051782.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2023.

FRAGA, Whisner. Alguns ajustes. **RelevO**, Paraná, Edição I, Ano V, setembro 2014, p. 03. Disponível em: <<https://jornalrelevo.com/09-2014/>>. Acesso em: 05 mar. 2024.

_____. Independência versus receita. **RelevO**, Edição II, Ano V, outubro 2014, p. 03. Disponível em: <<https://jornalrelevo.com/10-2014/>>. Acesso em: 06 mar. 2024.

_____. Qual é o meu papel? **RelevO**, Paraná, Edição XIV, Ano IV, agosto 2014, p. 03. Disponível em: <<https://jornalrelevo.com/08-2014/>>. Acesso em: 03 mar. 2024.

_____. O ombudsman, os leitores e o medo. **RelevO**, Paraná, Edição V, Ano V, novembro 2014, p. 04. Disponível em: <<https://jornalrelevo.com/11-2014/>>. Acesso em: 08 mar. 2024.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. Livro eletrônico. 1ª Edição. Campinas, SP: Autores Associados, 2021. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/187403/epub/0?code=yIQ9mwlWo1oMntT3XJWf7wF0722BZWszhqbHB5VeJDdF2jH32D8WrOFYUj4rtk/Sir26SVZLPPFHR5ssg6lnA8eA==>>>. Acesso em: 21 out. 2023.

GALLO, Carlos Alberto Provenciano. O Ouvidor – Geral e o Ombudsman: duas instituições distintas. **Revista de informação legislativa**, Brasília, v. 23, n. 92, outubro / dezembro 1986. p. 257-260. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/181853/000438173.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 30 out. 2023.

HOUASSIS; VILLAR. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JAVORSKI, Elaine. Os desafios do ombudsman nos jornais do interior: a experiência do Jornal da Manhã. In: JAVORSKY, Elaine; GADINI, Sérgio. **Ombudsman no jornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2018. p. 159-172.

LACERDA, Daniela Maria de. **O jornalismo digital independente no Brasil e a busca da credibilidade perdida**. 121 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco – Centro de Artes e Comunicação, UFPE, Recife: 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/21304?mode=full>>. Acesso em: 02 mar. 2024.

MARCELINO, Carla Andréia Alves da Silva. **Metodologia de pesquisa**. 1ª Edição. Curitiba: Contentus, 2020. Disponível em: <<https://www.bvirtual.com.br/NossoAcervo/Publicacao/186505>>. Acesso em: 06 nov. 2023.

MARQUIONI, Carlos Eduardo. **Teorias contemporâneas da comunicação**. Curitiba: InterSaberes, 2017.

MARTINS, Maura Oliveira. **Profissão jornalista: um guia para viver de notícias na próxima década**. 1ª Edição. Curitiba: InterSaberes, 2018.

MESSAGI JÚNIOR, Mario. **Teorias da Comunicação: aplicações contemporâneas**. 1ª Edição. Curitiba: InterSaberes, 2018.

MORAES, Dênis *et al.* **Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação**. 1ª Edição. São Paulo: Boitempo, 2013.

O.N.O - Organization of News Ombudsmen & Standard Editors. **The History of ONO**. Toronto, 07/07/2020. Disponível em: <<https://www.newsombudsmen.org/the-history-of-ono/>>. Acesso em: 30 out. 2023.

OLIVEIRA, Madalena. **Metajornalismo: quando o jornalismo é sujeito do próprio discurso**. 1ª Edição. Coimbra: Grácio Editor, 2010.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 1ª Edição. São Paulo: Contexto, 2006.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. 4ª Edição. São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br/Acervo/Publicacao/1697>>. Acesso em: 28 fev. 2024.

PONCIANO, Elisa. **A literatura do RelevO**. Porto Alegre, 10/11/2017. Disponível em: <<https://medium.com/betaredacao/a-literatura-do-relevo-11c8fb264924>>. Acesso em: 11 nov. 2023.

RAMONET, Ignacio *et al.* **Mídia, poder e contrapoder**: da concentração monopólica à democratização da informação. 1ª Edição. São Paulo: Boitempo, 2013.

RASKIN, Abraham Henry. A newsman's critique of the press; What's Wrong With American Newspapers? **The New York Times Magazine**, Nova Iorque, 11 de junho 1967, p. 249. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1967/06/11/archives/a-newsmans-critique-of-the-press-whats-wrong-with-american.html>>. Acesso em: 30 out. 2023.

RECH, Morgana. Transferências e o paciente jornal. **RelevO**, Curitiba, n. 07, Ano 10, fevereiro 2020, p. 07. Disponível em: <<https://jornalrelevo.com/02-2020/>>. Acesso em: 10 mar. 2024.

RELEVO. **Publique**. Site do jornal RelevO. 2023. Disponível em: <https://jornalrelevo.com/sobre/publique/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

_____. **Sobre**. Site do jornal RelevO. 2023. Disponível em: <<https://jornalrelevo.com/sobre/>>. Acesso em: 24 jun. 2023.

RIBEIRO, Alexsandro. A teoria do gatekeeper. In: NICOLATO, Roberto. **Teorias do Jornalismo**. 1ª Edição. Curitiba: InterSaberes, 2019.

ROCHA, Paula Melani; SILVA, Gisele Barão da. Newsmaking: um olhar para os processos de produção jornalística. In: NICOLATO, Roberto. **Teorias do Jornalismo**. 1ª Edição. Curitiba: InterSaberes, 2019.

SECCO, Lincoln. O maio de 1968 – a luta dos direitos civis nos Estados Unidos. **Jornal da USP**, São Paulo, 22 de outubro 2018. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/artigos/o-maio-de-1968-a-luta-dos-direitos-civis-nos-estados-unidos/>>. Acesso em: 30 out. 2023.

SERRANO, Estrela. Posfácio: o provedor no novo ambiente mediático. In: JAVORSKY, Elaine; GADINI, Sérgio. **Ombudsman no jornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2018. p. 173-183.

SILVA, Carlos Eduardo Lins. Cadernos de Jornalismo e Comunicação do Jornal do Brasil. **Observatório da Imprensa**, Campinas, n. 1263, 22 de maio 2018. Disponível em: <<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/homenagem-a-alberto-dines/cadernos-de-jornalismo-e-comunicacao-do-jornal-do-brasil/>>. Acesso em: 01 nov. 2023.

STANCKI, Rodolfo. **Entranhas da imprensa**: teoria e prática dos gêneros jornalísticos. 1ª Edição. Curitiba: InterSaberes, 2018.

TAVARES, Osny. Cômico é? **RelevO**, Curitiba, n. 10, Ano 10, junho 2021, p. 05. Disponível em: <<https://jornalrelevo.com/06-2021/>>. Acesso em: 27 fev. 2024

_____. Nós e o cosmo. **RelevO**, Paraná, Edição VII, Ano IV, abril 2014, p. 03-04. Disponível em: <https://issuu.com/jornalrelevo/docs/relevo_abril_de_2014>. Acesso em: 23 fev. 2024.

_____. Pode o jornal literário ser moral? **RelevO**, Curitiba, n. 1, Ano 12, setembro 2021, p. 07. Disponível em: <<https://jornalrelevo.com/09-2021/>>. Acesso em: 29 fev. 2024.

_____. Remetente. **RelevO**, Curitiba, n. 9, Ano 11, maio 2021, p. 07. Disponível em: <<https://jornalrelevo.com/05-2021/>>. Acesso em: 25 fev. 2024.

_____. Uma discussão sobre tamanho. **RelevO**, Curitiba, n. 03, Ano 12, novembro 2021, p. 05. Disponível em: <<https://jornalrelevo.com/11-2021/>>. Acesso em: 02 mar. 2024.

_____. Uma história pessoal da impressão. **RelevO**, Paraná, Edição IV, Ano IV, janeiro 2014, p. 03-06. Disponível em: <<https://issuu.com/jornalrelevo/docs/relevojaneyro>>. Acesso em: 21 fev. 2024.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. 2ª Edição. Florianópolis: Insular, 2005. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/162189290/124578846-Teorias-Do-Jornalismo-Vol-1-Nelson-Traquina-Completo>>. Acesso em: 12 nov. 2023.

ANEXOS

ANEXO A – UMA HISTÓRIA PESSOAL DA IMPRESSÃO.....	59
ANEXO B – NÓS E O COSMO.....	74
ANEXO C – REMETENTE.....	78
ANEXO D – CÔMICO É?.....	80
ANEXO E – PODE O JORNAL LITERÁRIO SER MORAL?.....	82
ANEXO F – UMA DISCUSSÃO SOBRE TAMANHO.....	84
ANEXO G – QUAL É MEU PAPEL?.....	86
ANEXO H – ALGUNS AJUSTES.....	89
ANEXO I – INDEPENDÊNCIA VERSUS RECEITA.....	91
ANEXO J – O OMBUDSMAN, OS LEITORES E O MEDO.....	93
ANEXO K – TRANSFERÊNCIAS E O PACIENTE JORNAL.....	95

Osny Tavares: Uma história pessoal da impressão

Coluna de ombudsman extraída da edição de janeiro de 2014 do Jornal RelevO, periódico mensal impresso.

Na era do posting, a palavra estampada no papel reproduzida em escala se levanta como manifesto estético, ação política e ativismo cultural.

I

Publiquei meu primeiro texto aos nove anos. Nossa turma da quarta série da Escola Estadual Santo Antonio, no bairro Orleans, em Curitiba, havia sido selecionada para uma atividade desenvolvida pela Emater, hoje Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural. Ao longo de um dia, iríamos fazer um passeio de ônibus ao longo do rio Passaúna, desde a nascente, no município metropolitano de Campo Magro, até a barragem, no limite com Araucária, outra cidade do entorno. Uma espécie de River Tour em que um técnico da autarquia faria as vezes de guia de turismo, explicando a geografia e a importância econômica do rio que fornece água potável para a região oeste de Curitiba, onde ficava a escola, a minha casa, a de meus amigos, o parquinho, a ladeira asfaltada de onde descíamos de rolimã e quase tudo que eu sabia do mundo até então.

O passeio começou pela nascente do rio. O ônibus parou numa estrada de chão em frente a uma porteira. Após vencermos uma pequena subida, alcançamos uma bica ao pé de um morro, que desaguava ininterruptamente numa tina de pedra. O técnico nos garantiu que aquela água era tão pura que poderíamos beber dela à vontade, não fosse a possibilidade de algum animal ter urinado por ali nas horas anteriores à nossa chegada. Era uma informação que nos surpreendia em parte. Moradores da periferia da capital paranaense, não éramos urbanos o suficiente para demonstrar estranhamento com a vida na natureza e nem rurais a ponto de ter recebido algum tipo de educação familiar em relação a ela. Alguns alunos de fato viviam em chácaras de Santa Felicidade e Campo Largo, porém a maioria, como eu, morava em casas com quintais e dispunha apenas de algum bosque próximo para brincar.

Na segunda parte da explicação, o técnico nos convidou a subir mais alguns metros. Paramos embaixo de um grande pinheiro. “Pinheiro araucária”, especificou ele. Uma árvore com centenas de anos, e sabiam disso porque a cada ano de crescimento ela deixava um anel no tronco, como aquelas mães americanas que registram o crescimento do filho com risquinhos no batente da porta. Aquele pinheiro era tão importante que havia sido tombado. Nos entreolhamos após essa palavra, pois a única acepção que conhecíamos dela era justamente o contrário do que ele queria dizer. O experiente palestrante já previa a confusão, provavelmente tarimbado por dezenas de crianças anteriores a nós e suas risadinhas e piadinhas. Criara então a habilidade de voltar a brincadeira a seu favor e, interrogando com inteligência os mais saidinhos, nos proporcionou a compreensão de um sofisticado conceito jurídico. Para a maioria, o primeiro. E para mim, também um dos últimos.

Visitamos a área do lixão da Lamenha Pequena, que durante décadas poluiu o Passaúna e havia sido fechado anos antes. Apenas observamos de dentro do veículo, e fiz minha única pergunta durante o passeio. “O que são aquelas casinhas? Tem gente morando lá?” Eram estações de controle da decomposição, explicou o guia, “porém mais acima é possível observar áreas de invasão”, apontou. Terminamos o trajeto no mirante da barragem, observando de Curitiba o entardecer sobre a cidade de Araucária, ao longe.

No dia seguinte, Dirlei, nossa professora, pediu um trabalho sobre a excursão. Tínhamos de escolher um dos pontos visitados e construir uma maquete ou elaborar um cartaz explicativo. Por motivos que até hoje me são obscuros, escolhi o pinheiro, que havia sido amplamente apontado como o momento menos interessante do passeio, e o cartaz, sempre menos atrativo quando colocado ao lado das maquetes. Apenas um outro colega escolheria o pinheiro, mas optando pela maquete. Tinha, portanto, um material exclusivo a exibir. Comprei uma cartolina verde, desenhei o pinheiro a lápis Nº 2 de alto a baixo da folha e o colorei com lápis de cor. Pinteí de leve para que a ilustração funcionasse como marca d’água para o texto que viria por cima. Usando uma régua, risquei pauta e margem na cartolina. Escrevi o texto também a lápis, em letra grande, cuidando para que

tivesse o tamanho da cartolina. Concluído o esboço, contornei o texto com caneta e apaguei a versão a lápis junto com as linhas-guia. O que sobrou era uma redação retilínea, uniforme e livre de erros.

A sala de aula tinha uma longa bancada em imitação de granito, que se estendia desde a porta de entrada até a parede dos fundos. Num dos cantos ficava a pia em que bebíamos água e lavávamos a mão. As maquetes foram colocadas sobre a bancada e os cartazes, afixados na parede acima, na altura da visão de um adulto. Encerrada a montagem, a professora Dirlei foi convidar a orientadora educacional da escola para ser a visitante inaugural. Clélia era o nome dela. Lembro que era uma educadora com o raro dom de inspirar respeito e temor entre as crianças sem precisar jamais levantar a voz ou fazer qualquer tipo de ameaça. Se havia alguém que procurávamos agradar, e cuja aprovação nos envaidecia, era a professora Clélia.

Quando as duas professoras entraram, a turma imediatamente fez silêncio. A professora Clélia nos cumprimentou e começou a visita a partir da porta. Em um ou outro trabalho fez alguma observação. Duas vezes perguntou quem era o autor e o questionou sobre alguma escolha ou objetivo do projeto. Meu cartaz estava pouco depois da metade. Clélia parou diante dele. “Você conhece o Pinheiro Araucária?” era o título (num lapso de interpretação durante o passeio, havia entendido que Araucária era um nome exclusivo daquele exemplar). Abaixo, uma esforçada redação quarto-anista: “O Pinheiro Araucária fica perto da nascente do Rio Passaúna. [...] Sua idade é contada pelos anéis no tronco. [...] Esta árvore é tombada, ou seja, ninguém pode cortá-la [...]”

Enquanto lia meu cartaz, Clélia tirou os óculos e mordeu a ponta de uma das hastes. “Quem fez esse daqui?”, perguntou ela. Levantei a mão meio assustado.

“Está muito bom. Bem escrito mesmo, né, Dirlei?” Nossa professora aquiesceu, ambas olharam para mim e senti o rosto pegar fogo enquanto permanecia em pé, imóvel e mudo. “A gente pode mimeografar e distribuir pro quarto ano, que tal?”, sugeriu Clélia a Dirlei. “Ah, claro”, respondeu minha professora.

Clélia me conduziu até a “Direção”, a construção na entrada da escola que concentrava todo o departamento administrativo. Abriu um armário com a chave e retirou uma folha de matriz para mimeógrafo. Para os ainda mais jovens que eu, o mimeógrafo é uma maquineta de impressão manual. Escrevia-se numa folha matricial, chamada estêncil, que continha a tinta. Colocada numa manivela, passava o texto para folhas de sulfite com o auxílio de álcool, que soltava o pigmento no papel. Era uma forma de impressão mais barata que o xerox numa época em que não existiam impressoras a laser (e nem de cartuchos de tinta). As provas recém-impressas exalavam álcool, e quando cheirávamos a página éramos imediatamente repreendidos pela professora. Clélia me orientou a levar a folha de estêncil para casa, transcrever meu texto e trazê-la no dia seguinte. Aquele era um material relativamente caro, e jamais havia sido visto nas mãos de um aluno. “Você sabe usar isso, Osny?”, perguntou a professora Dirlei quando me viu entrar na sala com o estêncil na mão. Perto do fim da aula, retirei meu trabalho da parede, deixando banguela a fileira de cartazes. Enrolei-o e coloquei debaixo do braço.

Eu era o único a levar o trabalho de volta no mesmo dia da entrega, o que me deixou muito exultante. Entendi aquilo como uma distinção rara, até então a maior de minha carreira acadêmica. Até aquele momento eu era um aluno sem grande destaque entre os colegas. Na pré-escola, sentávamos em mesinhas de quatro ou cinco alunos e, ao nos chamar para atividades em grupo, a professora costumava dizer “mesinha do fulano” ou “mesinha do sicrano”. Para nós a preposição indicava predominância, posse, liderança, em vez de simplesmente se referir à mesa em que fulano ou sicrano estava sentado. A professora sabia disso, pois quando dizia “a mesinha do...” os alunos gritavam a sugerir os próprios nomes. Ela inclusive estimulava a competição, esticando a última vogal em tom de suspense. Eu jamais gritava meu nome. Era um aluno quieto, desconfortável na turma e com dificuldade de entrosamento. Naquele ano (meu único pré-escolar, pois fui matriculado tardiamente), lembro-me de haver ocorrido “mesinha do Osny” apenas duas vezes, por iniciativa espontânea da professora. Ainda guardo certa mágoa de sua falta de generosidade.

Por isso, o texto do pinheiro me permitiu degustar uma recém-adquirida vaidade intelectual, objetificada na folha de estêncil que eu levei para casa e na qual transcrevi meu elogiado texto, desenhando lentamente cada letra com o máximo de atenção. Ainda assim cometi um lapso num fim de linha, esquecendo-me de hifenizar um verbo antes de chegar à pauta que delimitava o fim da mancha. A alternativa foi espremer o “R” no milímetro que havia sobrado.

No dia seguinte, fui sozinho à Direção (outro privilégio) entregar a matriz para a professora Clélia. Ela não estava, então a deixei aos cuidados de uma secretária, fazendo questão de ressaltar que “a professora Clélia sabia do que se tratava”. “Você conhece o Pinheiro Araucária?” teve uma tiragem única de 120 exemplares, o suficiente para as três turmas da quarta série. O lançamento teve lugar dois dias depois. Clélia foi me buscar na sala de aula. Bati o olho na folha impressa, maravilhado com minhas palavras reproduzidas no azul claro da tinta de mimeógrafo. Percebi então que sob a assinatura no rodapé (Osny L. Tavares Jr.) havia sido escrito “4ª série A” numa letra bem mais bonita que a minha. “Você esqueceu-se de colocar a turma”, justificou ela.

Na 4ª A bastava distribuir a redação, pois os colegas estavam inteirados do contexto. Na B e na C, entretanto, Clélia me levou para uma rápida apresentação. Lembro pouco do que ela disse sobre mim ou meu texto, congelado por quarenta pares de olhos que se fixavam nos meus. Não sabia se sorria ou ficava sério. Dei tchauzinho para os colegas que conhecia, tentando me divertir com o inusitado da situação. As duas turmas ouviram em silêncio, efeito da presença sempre imponente da orientadora educacional. Mas para mim aquele mutismo significou algo distinto. Estavam me avaliando, me desafiando, me julgando, como adversários de pôquer que, em sua imobilidade, transferem a tensão ao apostador na esperança que ele se traia e revele sua mão.

II

Estava guardando essa história para um momento mais nobre. Caso a minha decisão de escrever profissionalmente venha a obter algum êxito, certamente serei chamado à aceitação de alguma honraria advinda dessa produção. Então usaria o episódio para insinuar uma autoentrega à predestinação, a forma mais

fácil e socialmente aceita de legitimação de status. As pessoas adoram histórias de predestinação. Incapazes de viver com a aleatoriedade da sorte, talento, condição financeira e oportunidade para dedicação, encontram nas forças ocultas o único senso de justiça para o lugar de cada pessoa no mundo, incluindo o próprio. Se leem uma biografia de John Lennon, haverá comoção no trecho em que o menino aparece brincando com um violãozinho, ainda que milhões de outras crianças tenham batido cordas de nylon e jamais composto uma “A Day in The Life” (se este ensaio fosse escrito em inglês, aqui estaria um divertido trocadilho).

A história do pinheiro seria minha pequena contribuição a esse autoengano coletivo. Mas recentemente percebi o quanto ela é banal e, por isso, incapaz de produzir o resultado pretendido. Vamos retirar da análise as questões de memória afetiva, cujos efeitos se reproduzem apenas no autor-confessor. O que sobra é um “craft” lúdico que se decanta na passagem dos anos, sem peso para marcar um estágio de formação ou estabelecer um início de rota, um relato nostálgico de trabalhos manuais e tecnologias obsoletas. Perdi o timing da história. Se os mimeógrafos ainda existissem e, com o poder odorífico da impressão a álcool, tivessem bloqueado toda possibilidade de inovação, a publicação de “Você conhece o Pinheiro Araucária?” teria mantido a força. Mas publicar, transformado em “postar” na sociedade 2.0, se tornou um ato corriqueiro. Todos os dias, porcentagem relativamente grande do planeta Terra desenha em cartolinas virtuais e as prega nas paredes virtuais, por onde algumas dezenas de pessoas virtualmente passarão e se deterão por alguns segundos. E começam bem antes dos nove anos. Que pais resistem a tirar foto do filho recém-nascido e postar nas redes sociais, onde provavelmente receberão uma enxurrada de cumprimentos? O ser humano do século 21 não apenas nasce publicado, como estreia best-seller.

Pertenço à derradeira geração que nasceu sem internet, o que me coloca, junto com meus pares, em posição ideal para observar a perda gradual dos referenciais analógicos. Somos a era da transição, e devemos encaixotar nossa coleção de experiências para a necessária mudança. Recentemente, a Apple atualizou seu sistema operacional para celular e tablet. O iOS 7 estreou sob uma chuva de críticas quanto à aparência, tachado de feio e infantil por diversos usuários, uma

suposta falha grave para a empresa que se vangloria do design de seus produtos. Os aplicativos de leitura e escrita do iPad foram os alvos principais. Um usuário reclamou que o bloco de notas virtual perdeu a referência a seu correlato físico. A tela não imita uma folha amarela com pauta e margem, a fonte não é cursiva e foi embora a decoração de fundo que simulava uma capa de couro marrom-escuro a sustentar as “folhas”. Outro se frustrou ao abrir o iBooks e não encontrar a tela em forma de prateleira de madeira, com os livros enfileirados com a capa para frente.

Esses consumidores têm razão em sua revolta. Ao modificar a diretriz estética do aparelho, a empresa quebrou um pacto assumido no momento da venda, evidenciado no próprio nome do produto. Brincando de etimologistas, podemos dizer que a junção de “i” (internet) e “pad” (bloco de notas, em inglês) estabelece comercialmente um hibridismo analógico-digital, tendo no produto o melhor dos dois mundos. Esse é um tipo de interface pensado especialmente para os usuários de transição. A experiência analógica da formação é simulada e melhorada aos poucos no novo ambiente. À medida em que a faixa etária da transição vai encolhendo entre a clientela da Apple (e de todas as outras empresas), a interface de transição vai se extinguindo em igual medida. No Windows a transição é mais serena. Ainda temos as pastas, mas as gavetas dentro de outras gavetas dentro de porta-arquivos, comuns na versão 95, foram substituídas por uma organização mais horizontal. Nós, da transição, somos tratados como pessoas que acabaram de acordar de um longo coma e precisam ser informadas sobre o mundo atual em pequenas doses, que começam com a queda da União Soviética e se encerram com a morte dos pais.

Como jornalista, também pertenço a uma geração de transição. Sou membro da última turma de estudantes a almejar a mídia convencional como possibilidade maior de realização profissional, projeto de carreira e incubadora criativa. Entrei na faculdade em 2003. A imprensa sofria os primeiros abalos provocados pela revolução digital. Mas os profissionais da área, o que inclui os professores, viviam num estado de negação. O individualismo típico da classe, somado ao discurso do triunfo da competência em um meio que se entende quase artístico, nos fazia conservar um romantismo meio ingênuo, meio ignorante, que já naquele momento

não encontrava respaldo nas redações e que dali a alguns anos se transformaria num ectoplasma, a lembrança de um tempo mantida viva por aqueles que jamais o haviam vivido.

A safra seguinte está se formando sob novo pensamento. A crise do mercado, o fim da obrigatoriedade do diploma e a ascensão da internet como plataforma principal do debate público criaram uma geração de alunos de jornalismo conscientes da necessidade de inventar o próprio emprego. Estão surgindo, com frequência cada vez maior, iniciativas arrojadas, maduras e criativas, concebidas por estudantes que entendem as plataformas, sejam elas novas ou antigas, como ferramentas e possibilidades complementares, em vez de raias a delimitar seus espaços na corrida. Dentre eles está o criador e editor deste RelevO, o recém-formado Daniel Zanella, e, acredito eu, diversos de seus colaboradores de primeira hora. Volto a eles em breve.

III

Existe no palco uma espécie de altivez intrínseca. É para onde todos os olhos devem convergir. Nivelado acima das cabeças da plateia (mesmo em teatros com inclinação, essa é a impressão que causa), sua arquitetura é um argumento de autoridade a defender a arte como uma manifestação do sublime – uma ideia, aliás, bastante ocidental e contemporânea. O “espírito do palco” imiscui-se a artistas experientes e novatos de formas distintas. Àquele que logrou formar uma plateia, atrair constante interesse, ser reconhecido pela crítica e admirado pelos pares, a presença no palco está socialmente legitimada e dificilmente gera contestação. O novato precisa marcar posição à força. Antes que a multidão aceite carregá-lo nos ombros, deve gerar em si o manifesto e militar por ele. Mais arte (e mais um artista) significa para o público um passo a mais na jornada de sofisticação intelectual. Quando o repertório cultural se amplia, amplia-se também a densidade do mundo. Uma pequena revolução, e como todas as revoluções, necessita do germe da mobilização social. Em condições de relativa paz, ninguém sai de casa rumo à batalha ou ao teatro.

É uma analogia que serve para quase toda vida intelectual. Na literatura, a representação do palco é a prateleira da livraria (quem trabalha no mercado

editorial conhece o sem-número de filtros para se chegar ali) e, depois, a estante da sala do leitor. A frente da sala de aula é um palco e o professor, o intérprete de um monólogo compulsório. Por isso, no momento em que parei diante das turmas com meu texto do pinheiro, senti-me invadindo um espaço que não me pertencia. Claro que meu escrito nada tinha de artístico ou literário, nem os minutos de apresentação substituíam uma aula. Mas ocorria ali uma singela provocação. Naqueles instantes a ordem convencional de emissor receptor havia sido quebrada, obrigando os alunos a recalibrarem o eixo de atenção. Quando o professor apresenta seu conteúdo, o estudante comodamente se submete à autoridade. Mas o colega que levanta e se coloca à frente, que intenciona o palco, rasura o contrato social. Exige daquele que permanece sentado uma reinterpretação da história. Aquele texto do pinheiro foi a lição de iniciação artística mais importante de minha vida. Descobri que escrever é um ato de provocação. Não estaria aqui se não fosse por ele.

No início de 2013, uma ilustrativa polêmica se deu em nossa gleba cultural. O jornalista Guilherme Voitch, da Gazeta do Povo, escreveu uma crítica amplamente negativa ao clipe “A gente não tá de brincadeira”, de autoria do músico curitibano Alexandre França e interpretado com participação de Uyara Torrente e Luiz Felipe Leprevost. Na canção, os artistas prestam tributo aos colegas locais e tentam circunscrevê-los ao panorama histórico-cultural da música brasileira. Para Voitch, o produto era uma tentativa de autolegitimação ante certa irrelevância artística diante do público amplo. “O clipe só escancara o que essa geração realmente é: autorreferencial, culturalmente domesticada, dona de um discurso bom-moço que não incomoda ninguém”, escreveu o jornalista.

Dentre reações oficiais ou oficiosas, ponderadas ou agressivas, na própria Gazeta ou em mídias sociais, foi Leprevost o responsável pela réplicasíntese, publicada no jornal dias depois. O músico defendeu a qualidade da produção local, suas opções estéticas e delimitação de público. Comparou a postura a outras supostamente semelhantes e que alcançaram valoração histórica (Paratodos, de Chico Buarque, é a alusão mais forte). Por fim, questionou: “se Voitch deu-se ao

trabalho de escrever sobre o cenário, que para ele é irrelevante, por que então se deu ao trabalho?”

Essa é uma pergunta interessante. Somos uma sociedade do descarte. Produzimos muito mais do que somos capazes de consumir. Nossa principal tarefa cotidiana é refutar tudo o que não nos cabe. O ato de preterir peneira à individualidade da massa de significados que a indústria tenta atrelar a nós. A compra é a assunção final de um projeto de conquista que começa na fábrica e testa sua eficiência no soft power do mercado (não apenas do supermercado). Já a recusa é imediata. Sabemos que algo nos é estranho e/ou inútil no momento em que batemos o olho nele, sem contar aqueles produtos que jamais tiveram a chance de entrar em nosso raio de visão.

A maior parte da produção cultural pertence a esse segundo grupo de preterição. Um cenário que se expandiu em tempos de democratização dos meios de produção cultural e perda de referenciais críticos. Sem grandes gastos de divulgação, o artista novo está dependente do boca a boca virtual, onde a influência dos opinadores é, de certo modo, planificada. Claro que alguns perfis são mais “seguidos” que outros, mas estão mais próximos entre si do que o colunista do grande jornal comparado ao seu vizinho, nos tempos pré-internet. A mídia que possibilita a qualquer aspirante os meios de criação é a mesma que o joga no caldo comum da cultura. Irônico, porém justo.

Na Rússia stalinista, a produção literária foi tomada sob o controle do estado. Os escritores ganhavam um dia para se dedicar à arte a cada tantos trabalhados. As “folgas” se tornavam mais frequentes à medida que o autor se popularizava conforme os interesses estatais, que tomou para si não somente o controle sobre os meios de distribuição ou censura das obras, mas também a tarefa de atribuir valor e legitimação aos artistas. Dentro do contexto da ideologia socialista, portanto, torcer o nariz para determinado escritor era um ataque à própria base política e social que o empoderava. O autor assimilado se investia do poder estatal, impingido como poder popular. Ser um escritor russo era ser um escritor

da Rússia, com todas as benesses semânticas advindas do rótulo. Claro, havia a dissidência de Soljenítsin e alguns outros.

Guilherme Voitch não teria bom fim na Rússia comunista. Sua proposta crítica é o oposto de tudo o que a cartilha pregava: individualista, globalista, estetizante, meritocrática. Mas, sobretudo, é democrática em sua recusa, por dispendar tempo para analisar a produção e situá-la numa escala de valor, por acareá-la com sua própria experiência e repertório, e por usar a canção como elemento de alteridade no refilamento de seu gosto. França, Uyara e Leprevost provocaram nele a mesma inquietação que, imagino, meu texto do pinheiro ao pousar na carteira dos colegas. Nos dias seguintes, não recebi qualquer crítica de conteúdo, infelizmente. O único colega a comentar o texto apenas destacou que, devido àquele “R” esmagado no canto da página, a professora foi obrigada a interromper a leitura em grupo para tentar decifrar a letra.

O papel que antes era do estado totalitário hoje foi assumido pelas grandes corporações de tecnologia. Ao fornecer os canais e plataformas de comunicação, condicionam o consumo a um padrão que passa necessariamente por si, uma influência galgada a partir da empatia sobre o indivíduo, esse ator máximo da contemporaneidade. A Apple busca oferecer uma experiência sensorial tão intensa e satisfatória que se antecipa ao conteúdo puxado da rede, e vende essa ideia com fôlego de mascate: “vejam como isso é bonito, como desliza suavemente, como é o programa mais eficiente que você já viu”.

Enquanto isso, o mercado da informação perde a verticalização que sempre lhe ajudou a se manter forte e influente. As editoras de jornais e revistas, incapazes de competir no mercado global de tecnologia, deixam de ser as detentoras de todos os processos da cadeia (produção, impressão e distribuição) para se vocacionar como empresas de “conteúdo”, enquanto suam para desenvolver apple-jornais e apple-revistas, seguindo bovinamente as tendências de uma companhia centralizadora a ponto de tentar mudar a representação de objetos como uma estante ou um bloco de notas. Steve Jobs, ao apresentar o iPad, se

vangloriava: “você tem a internet em suas mãos”. E você, Jobs, onde quer que esteja, tem os seguradores de internet nas suas.

Como lembrou Jonathan Franzen em um ensaio recente, a Amazon adota agenda semelhante. O objetivo final é que a indicação de leitura mais aceita seja a dos algoritmos do site, baseado nas compras prévias, e corroborado pelas opiniões de usuários publicadas também no site. O consumidor de cultura fica isolado numa bolha de referências laterais. O único movimento possível é dar uma volta ao redor de si.

IV

Então o tal do Zanella resolve criar um jornal de literatura, impresso e gratuito, distribuído em diversos pontos, tendo como público-alvo qualquer um que queira pegá-lo. Os autores são, em grande parte, jovens aspirantes que encontram no veículo um espaço livre para imprimir (o que, sabemos agora, é diferente de publicar) suas primeiras experiências. A novidade veio de Araucária, do outro lado do rio Passaúna, e veio dar na praia sem mar da Praça da Espanha. O jornal está rodando, primeiro na gráfica, depois de mão em mão, há três anos, o que já o caracteriza como uma publicação longaeva, levando-se em conta o período de vida médio desse tipo de publicação.

Toda produção colaborativa inicialmente sofre com a falta de uma linha de atuação executável ao longo dos textos. Sem a pressão coercitiva de um patrão remunerador, via de regra o responsável último por “pensar” o produto, cada autor se encarrega de implantar a própria visão. A liberdade é a contrapartida da falta de dinheiro. O único agregador é a proximidade cultural estabelecida pela idade, formação, local de residência, transformando em produto uma convergência estética inconsciente. O pauteiro chama-se Ethos.

Essa é a impressão de quem lê. Para os que escrevem, o veículo aparece como possível trampolim para o mercado estabelecido, “profissional”, digamos. A preocupação primeira do autor é a impressão de si que irá causar nas pessoas. Ainda sem uma obra que venha à frente do nome e sirva de escudo, o aspirante busca na escrita uma aproximação do próprio nome com a produção artística. A

cada frase, clama desesperadamente pelo direito de subir ao palco, sem perceber que aqueles olhos fixos da plateia não necessariamente o estão reprimindo. Apenas adotam a postura defensiva de quem se vê na iminência de ser provocado. Subir ao palco requer tão somente a impetuosidade de se assumir artista. A provocação, no entanto, raramente acontece, o que inexige do leitor aquele estado de atenção constante próprio dos ameaçados. No lugar, existe uma tentativa de contemplação do leitor para o autor que, apesar de servir ao interesse do aspirante, é culturalmente irrelevante, principalmente se centrifugada de ativismo intelectual. O leitor longe do centro, distante do alvo, jamais terá a oportunidade de ver retratado e questionar: “por que se deu ao trabalho?”

Esse é um dilema estampado na capa do jornal, que se recusa a estampar chamadas de capa. Aparenta certa timidez, como se incapaz de fazer um transeunte parar para ver o que o jornal tem a oferecer. RelevO se recusa a seduzir, esperando que o leitor tome a atitude. Talvez a proposta seja acompanhar a tendência de algumas publicações com leitores fidelizados, da qual a revista *The New Yorker* é o exemplo imediato. Convém lembrar que mesmo a publicação octogenária percebe a necessidade de se anunciar. A capa limpa é exclusiva para assinantes, enquanto a edição de banca tem uma sobrecapa destacável para as chamadas que se estende sobre metade da ilustração.

Numa produção colaborativa, a circulação local acaba por se tornar uma vantagem. Melhor que cabresto, é um estabilizador de foco. Jornais convencionais que, apesar da circulação geograficamente limitada, se propõem a abraçar o mundo com seus braços curtos têm fracassado sistematicamente. *The Daily*, um jornal para tablet supostamente direcionado a todo o mundo, naufragou justamente por não encontrar um receptor específico. Quem fala a todos não fala a ninguém.

O jornal e a revista são experiências de rua. Precisam do espaço público físico para atacar o leitor de chofre e conquistá-lo. Sabemos o que acontece se o veículo resolver transferir essa responsabilidade para os portais de tecnologia. Publicações como o RelevO têm a oportunidade de forjar uma comunidade, mas

para isso precisam da coragem para provocar e retirar o leitor do tédio no qual está imerso. Não é apenas uma questão de mercado, mas um projeto artístico e intelectual.

Refleti sobre isso recentemente, durante os dias finais de um relacionamento afetivo. Minha então namorada e eu estávamos indo a um bar onde encontraríamos alguns amigos. Fomos os primeiros a chegar, ao ponto de o estabelecimento ainda estar fechado. Resolvemos esperar no antessala de um espaço cultural vizinho. Em um expositor diante das poltronas, repousavam diversas publicações, RelevO dentre elas. Escolhemos duas revistas, sentamos e começamos a ler, sem trocar palavra. Nossa narrativa como casal havia terminado. Queríamos outras. É nesse espaço de solidão, por vezes esquecido, mas jamais extinto, que nós autores devemos atuar.

V

Por muito tempo esqueci completamente da publicação do texto do pinheiro. Passados vários anos, estava morando em outra região da cidade, em meio a outro círculo de amigos. Não havia nenhum ponto de contato a me aproximar desse período da minha vida, um distanciamento que eu conscientemente havia buscado. A história estava toda lá, porém, soterrada em meio a outras lembranças.

Numa das vezes em que fui visitar minha mãe, encontrei no terminal de ônibus um dos colegas, André Gomes é o nome dele, e resolvemos desistir de esperar pelo ônibus alimentador e caminhar até o bairro. Eu já estava formado e começava a atuar na área; André estudava à noite enquanto trabalhava como representante comercial de uma indústria de ferragens. Outrora havíamos sido amigos próximos, mas o fluxo de afastamento a que me submeti o levou junto para longe.

Durante o trajeto, começamos a relembrar causos da infância. Então ele ressuscitou a publicação do texto do pinheiro. Toda a primeira parte deste ensaio descarregou-se em meu lobo frontal como num jorro. Poucas vezes me senti tão feliz e melancólico.

“Sabe, eu acho que ainda tenho esse texto guardado lá em casa”, disse ele. Fui tomado de susto, mas tentei não reagir de forma efusiva. Seria provavelmente a única cópia a ainda existir. André de fato era um arquivista, mas provavelmente estava enganado. Confundi “Você conhece o Pinheiro Araucária?” com alguma prova ou trabalho do nosso velho Santo Antonio.

André é o que hoje eu chamaria de leitor qualificado. Além disso, ele é importante na minha formação moral. Era a 5ª série e estávamos uma vez mais na mesma sala. No entanto, meu comportamento estava diferente. Havia passado da timidez à expansividade. Me tornara inquieto, desrespeitoso e barulhento. Fosse hoje, seria imediatamente diagnosticado como hiperativo. O casmurro da sala agora era outro. Este garoto era tão tenso que certo dia chegou a morder a caneta até que a tinta azul lhe manchasse toda a boca. Assim que o primeiro aluno viu e apontou, começaram as chacotas e gargalhadas. Eu era um dos que mais o achincalhava, provavelmente reconhecendo nele a criança que eu havia sido anteriormente. Me vingava de mim mesmo. Em meio à balbúrdia, André levantou-se, pôs a mão no ombro do menino e o acompanhou até a pia no canto da sala. apontava os pontos do rosto que ainda precisavam ser lavados. Jamais havia visto atitude tão digna e madura vinda de alguém da minha idade.

Conversamos poucas vezes desde o dia em que ele relembrou o texto do pinheiro. Jamais pedi que ele o procurasse, sequer toquei novamente no assunto. Quero conservar o prazer de imaginar que, em algum lugar em meio a uma pilha de papéis, uma folha de papel permanece intacta. E nela, uma brincadeira de criança.

Publicado em Ombudsman

Com a tag 2014, janeiro, Osny Tavares, Publicado no impresso

Osny Tavares: Nós e o cosmo

Coluna de ombudsman extraída da edição de abril de 2014 do Jornal RelevO, periódico mensal impresso.

Um veículo cultural, quando amplia sua veiculação, precisa saber puxar de volta novos nomes para suas páginas.

O problema de assistir a um bom documentário de ciência é começar a ver ciência em todo lugar. Ela de fato está em todo lugar, mas o encantamento criado por essas produções me torna excessivamente naturalista pelos dias seguintes à exibição. Sou um sujeito altamente influenciável pela inteligência. Após uma explanação criativa, tendo a sair por aí replicando o que ouvi com a intensidade e convicção de quem acabou de sofrer uma lavagem cerebral. Mas geralmente passa logo.

Porém, tem sido um inferno desde que estreou *Cosmos*, uma série em treze capítulos intitulada “uma viagem pelo espaço-tempo”. É, na verdade, um remake de uma série dos anos 80 co-escrita e apresentada pelo astrônomo Carl Sagan, grande divulgador da ciência e meu herói pessoal. Essa nova versão tem como *frontman* um de seus pupilos (Sagan morreu em 1996), atualização teórica e efeitos especiais de cinema. Um dos produtores é Seth MacFarlane, outro herói pessoal.

A partir de *Cosmos*, é possível perceber que a raça humana surgiu, resistiu, sobreviveu e se desenvolveu por meio de uma sólida consciência de coletividade. Dos grupos nômades aos clãs do início da agricultura às cidades-estado aos impérios aos países às modernas cidades, nos desenvolvemos a partir dessa rede de troca e proteção que veio a se chamar sociedade. Somos feitos para viver em bando.

A arte de certa forma reproduz essa tendência, com seus movimentos estéticos e inter-discursos. Pouquíssimos são os inovadores solitários. A maioria se insere em uma corrente estilística e propõe tão somente um milímetro de avanço – o

possível para um mero exemplar da espécie. Aqui também há uma rede de proteção e acolhimento, essencial a um ofício tão volátil.

O derivativo disso é a formação de grupos de afinidade que acabam por estreitar o diálogo com o meio. Acontece com mais intensidade entre aspirantes e artistas em início de carreira, ainda não estabelecidos, mas tende a se arraigar, com propensão maior ou menor, ao longo de toda a trajetória. É como se tribos distintas disputassem um mesmo território sem qualquer possibilidade de comunhão. Afinal, é fundamental para a sobrevivência da família que o DNA partilhado encontre oportunidades de reprodução em um meio.

Em sua forma contemporânea, esse fenômeno é chamado de “compadrio”, substantivo que define a ação de priorizar, indicar e enaltecer uma pessoa com quem se tem alguma relação pessoal ou profissional em detrimento de outras igualmente (ou mais) talentosas e capazes.

Impossível imaginar que a empatia será algum dia excluída das relações profissionais. Nem deveria, afinal de contas. Mas o peso do compadrio parece anacrônico ao papel atual dos meios. Ele sempre sobreviveu pela capacidade que as mídias tinham de agendar gostos e comportamentos. Pular para dentro desse barco era a garantia de um sucesso mínimo. A ponte era estreita, entretanto, e uma mão esticada poderia tornar as coisas mais fáceis.

O padrão mudou, porém. Os meios de publicação são amplos e universalmente acessíveis. Permanecem os pontos de referência, como redes de televisão, estúdios, grandes gravadoras e editoras, para os quais é preciso pavimentar o caminho à vaselina ou vencer sucessivas etapas de um rigoroso vestibular. Porém, mesmo estes meios encontram dificuldades em “lançar onda”. Estão cada vez mais reativos, recolhendo e sofisticando produtos que explodem espontaneamente na web.

Cabe aos veículos, e notadamente aos alternativos e não comerciais, o papel de trazer a organização da produção cultural para um eixo mais plano e expandir

grupos em vez de cristalizá-los. É uma proposta revolucionária e ao mesmo tempo clássica, que remete ao que existe de mais basilar no fenômeno da comunicação. Não se trata de benevolência, e sim de recalibrar o formato.

Um exemplo: recentemente encontrei um amigo em São Paulo que atualmente trabalha na gestão de um bar de comédia. Ele e os colegas aplicaram um processo de casting por seleção meritocrática. Qualquer candidato, pode até ser um engraçadão de escola, terá direito a três minutos de tempo de palco para testar a sua capacidade em fazer os outros rirem. Se não for bem-sucedido, ainda tem uma nova oportunidade (vai que estava num dia ruim). Passará, então, para um segundo teste, de cinco minutos, então sete e, por fim, a apresentação cheia de quinze minutos. Fazem isso para se adiantar a movimentos espontâneos e se manter como eixo integrador. Disso depende a sobrevivência comercial deles.

Esse é um exemplo fácil porque a comédia é, talvez, a profissão mais justa que existe. Ou o sujeito é engraçado ou está fora. Penso que o resto do setor artístico, e em especial a literatura, não esteja muito longe deste patamar. RelevO tem cumprido o papel de propiciar uma plataforma generosa com certo destaque, se comparado a publicações similares. Isto se deve a questões físicas e econômicas (formato, tamanho e custo marginal) associado a uma linha de atuação aberta, que encontra na despretensão a capacidade de se manter receptivo. Falta, porém, um canal adicional ao papel para conhecer, debater e articular novas produções a ser publicadas. O feedback ainda está limitado ao noventista e-mail e ao Facebook do editor, que demanda um filtro de amizade (viram o medo?) para se chegar até ele. Um fórum de discussão, na própria mídia social ou algum outro espaço na internet, proporcionaria uma interação mais dinâmica que a do jornal impresso e seus cinquenta tons de cinza.

Nota do editor:

De fato, o protagonismo que o impresso tem como produto final acaba por nos enfraquecer em outros meios, prejudicando, inclusive, o recebimento de mais feedbacks. Ainda não encontramos uma forma de nos fortalecer financeiramente

para podermos investir, por exemplo, em um site que acomodasse toda a nossa produção e proporcionasse maior interação com os leitores.

Uma alternativa para um jornal mais dinâmico seria uma maior participação dos leitores no processo de edição. Poderíamos publicar mais textos numa versão digital e selecionar, através de votação, alguns textos para a versão impressa.

Novas plataformas também podem tornar o RelevO mais orgânico, com notícias diárias sobre concursos e espaços para novos autores, nosso foco maior. Porém, sem querer-me semelho a um ventríloquo, nosso travo para voos mais amplos é a falta de dinheiro.

Publicado em Ombudsman

Com a tag 2014, abril, Osny Tavares, Publicado no impresso

Osny Tavares: Remetente

Coluna de ombudsman extraída da edição de maio de 2021 do Jornal RelevO, periódico mensal impresso.

Em sua primeira década de existência, o RelevO teve a felicidade de alcançar pessoas em diversas partes do Brasil. E essas pessoas também alcançaram o jornal, contribuindo com textos enviados de vários estados. Essa interação nos ajuda a lembrar porque muitos jornais se chamavam Correio de Algum Lugar. O bom jornal é nada mais do que uma troca de cartas coletiva.

Porém, a maioria dos missivistas que vem a nós, leitores do RelevO, é anônima, pois um mero nome e sobrenome, de fato, não dizem muito. É perfeitamente cabível que novas vozes se lançando prefiram ser discretas. Há de se concordar que um rodapé informativo sobre o autor poderia, ainda que sutilmente, influenciar a leitura ou pós-leitura do texto — principalmente no que tange a preconceitos. Puristas não deixariam de argumentar, citando o teórico no início ou no fim, que sobre um autor nada pode ser dito.

No entanto, parece uma cordialidade ainda não caduca que aquele que começa a falar se apresente. Penso que vários dos que publicam têm algum contato, ainda que inicial, com a formação acadêmica, e discorrer objetivamente sobre si em um parágrafo não será difícil.

É possível que isso já tenha sido tentado e tenha fracassado, seja porque o publicado tenha preferido declinar, sob o risco de parecer vaidoso, seja porque começou a se tornar frequente autodescrições idiotas, tais como “comedor de queijo da lua”. Nesses casos e em outros semelhantes, tal tarefa cairia para o editor, para quem a coleta e a redação de informação é sempre uma sobrecarga.

Por fim, me parece que não há sentido para os tímidos temerem uma superexposição. Não seria o caso sequer na mais popular rede social, exceto se fizessem parte de algum tipo de absurdo. Aqui, nem assim.

Da redação:

Seguimos, aqui, as premissas da nossa aba Publique, desenvolvida no site do Jornal, em que aplicamos aos autores e às autoras publicados o critério do texto ser mais importante do que o emissor: “Não há necessidade de enviar minibiografias (ou biografias inteiras). Queremos saber o mínimo possível sobre o autor e/ou suas titulações”. Sabemos da importância do leitorado no processo de diálogo com a nossa publicação, mas não entendemos como fundamental as informações pessoais.

Publicado em Ombudsman

Com a tag 2021, maio, Osny Tavares, Publicado no impresso

Osny Tavares: Cômico é?

Coluna de ombudsman extraída da edição de junho de 2021 do Jornal RelevO, periódico mensal impresso.

Em seu décimo primeiro ano de circulação, o RelevO parece sentir a deriva do tempo. “Sentir a deriva”, note-se, é diferente de “sentir-se à deriva”. É mais uma sensação de meio de viagem, de mar aberto. Ou seja, uma pessoa de trinta e poucos anos de idade. É independente com algum grau de institucionalização. É alternativa com contatinhos no centro. É jovem com alguns fios brancos.

Será destino de todo aspirante a escritor começar parnasos e terminar cínico? Em um discurso célebre, Leminski afirmou que o verdadeiro poeta era reconhecido na idade. Fazer poesia aos 20 anos era fácil, mas ele queria ver aos 30, 40... Poesia aos 50 anos? Humpf!

Uma porção cada vez maior da identidade do jornal vem sendo moldada pelas páginas de humor. Fixas, produzidas internamente ou por colaboradores regulares, são o que o velho editor da finada imprensa escrita chamava de “respiro”. O produto é ótimo. Criativo, bem desenhado, cheio de referências. Zombar do mundo da cultura e do meio literário (muitas aspas nesses termos todos) é, além de um talento, um privilégio. Mas, tal como as pessoas, os veículos também precisam estar atentos para não transformar o riso em disfarce.

O RelevO anterior veio com uma sobrecapa cômica. Penso que o editor se permitiu a brincadeira por imaginar que, estando fechados os espaços culturais em que costumava ser distribuído, o jornal tem encontrado poucos leitores incidentais. Dessa forma, não precisava apresentar-se de imediato.

No entanto, a decisão automaticamente rebaixou a capa à página 3. Isso foi uma pena, pois trata-se de uma das ilustrações recentes mais bonitas. Claro, eu poderia simplesmente destacar essa lâmina, que não faz parte da ordem numérica das páginas, e escondê-la no miolo. Porém, me parece bom senso que uma edição é, essencialmente, uma sugestão de condução de leitura. Não havendo

qualquer motivo para aquela seção não estar no miolo desde o espelho (essa também é de editor velho!), essa escolha editorial somente se justifica pelo desejo de que este conteúdo seja primordial ao leitor.

O espírito pode, inclusive, estar se espalhando entre os leitores. Em edição também recente, diverti-me largamente com uma resenha sobre um romance chamado *Ulisses 2051*, que se propunha atualizar Joyce. O autor do texto, que se apresentava como pai do romancista, satirizava as pretensões estéticas e a dependência financeira do resenhado.

Infelizmente, não pude descobrir se o livro, tampouco seu autor e/ou pai resenhista, existem de fato. Nada há em toda a página — entre texto e recursos visuais fixos ou específicos — que distinga a resenha das seções mensais de humor do Jornal. Há, sim, um rodapé informativo com informações técnicas que acompanham toda apresentação real de livros do jornal, mas não me dispus a pesquisar na internet se aqueles títulos estavam, de fato, disponíveis. Afinal, citando a redação, em resposta ao ombudsman na edição passada, “não entendo como fundamental as informações pessoais”.

PS: Em última e remota hipótese, apenas meu jornal veio encadernado dessa maneira. Se verdadeira, para meu maior constrangimento, todos os problemas editoriais, estéticos e existenciais anteriormente apontados ficariam automaticamente invalidados pela extinção do condicionante.

Isso, sim, seria bem engraçado.

Publicado em Ombudsman

Com a tag 2021, junho, Osny Tavares, Publicado no impresso

Osny Tavares: Pode o jornal literário ser moral?

Coluna de ombudsman extraída da edição de setembro de 2021 do Jornal RelevO, periódico mensal impresso.

Os manuais de Jornalismo afirmam que a função do ombudsman é questionar o jornal sob a perspectiva do leitor — que é exatamente aquilo que o ombudsman é. Ou seja, a função do ombudsman é questionar o jornal sob a perspectiva de si mesmo.

E a questão que mais me rói a barba desde há muito é a questão moral.

Como é produzido e distribuído para quem o solicita mediante troca monetária, é inegável que o RelevO seja um bem.

Mas pode o jornal ser bom, em sentido moral?

Pode estar a serviço de algo?

Amplificar algum discurso?

Referendar alguma ideia?

Dizer-se representar o que seja?

Lecionar?

Quem se deixará lecionar por um jornal literário?

O que deve fazer o jornal literário, então?

Destruir?

Agredir alguém de alguma forma?

Quem se sentiria agredido por um jornal literário?

Então, literário é somente o que um jornal literário pode ser.

Publicado em Ombudsman

Com a tag 2021, Osny Tavares, Publicado no impresso, setembro

Osny Tavares: Uma discussão sobre tamanho

Coluna de ombudsman extraída da edição de novembro de 2021 do Jornal RelevO, periódico mensal impresso

Virar berliner é sinal evidente de decadência para um jornal brasileiro. Deve ser, inclusive, para os tabloides. Comento porque o RelevO está chegando a uma idade em que discussões sobre tamanho físico começam a ganhar relevância.

Caso este jornal se aventurasse a uma nova medida, primeiro, pareceria profissional, o que poderia afastá-lo de sua vocação primeira, que é estimular a escrita. Depois, interessado em inserir-se – como voz e como tema – em um debate social mais hegemônico, o que sempre faz mal à literatura. O contrato de leitor é sempre o de poucos contra muitos. É o prazer de uma correspondência que escapou a alguns postos de controle.

O autor-colaborador deste periódico tem responsabilidade sobre quem cita. Ele atrai para o círculo de correspondência uma atenção externa, originalmente não-interessada. E para o leitor interessado, agencia a curiosidade.

Entre os veículos alternativos, o RelevO distingue-se por ter uma segunda geração de leitores. São jovens dos primeiros anos de formação intelectual, que ainda tateiam em busca de referências, e cujos cânones ainda estão por ser estabelecidos.

Quem ousa manifestar-se na grande comunidade dos autores deve garantir-se capaz de identificar interlocutores de valor. Escrever é falar com escritores. Comunicar, sobre a cultura, aquilo que lhe é mais verdadeiro. Essa é uma confissão do sábio: orientar, apontar por quais caminhos ele próprio viu.

O artista, também o literário, precisa renunciar a qualquer sistema de valores para além do estético. Todo registro escrito é um desejo de permanência.

Nossa era exige uma certa moral hipertextual. Uma resposta à questão: para quem você está abrindo um link?

Publicado em Ombudsman

Com a tag 2021, novembro, Osny Tavares, Publicado no impresso

Whisner Fraga: Qual é o meu papel?

Coluna de ombudsman extraída da edição de agosto de 2014 do Jornal RelevO, periódico mensal impresso

Você, leitor, em uma pesquisa básica, poderá constatar que o papel principal de um ombudsman é justamente defender seus direitos. Pensando em um jornal literário, há que se reinterpretar essa função. Qual seria meu papel? Como escrever um texto com a intenção de assegurar a você, leitor, uma publicação de qualidade? Sim, porque não existe lógica ao se falar de isenção, de imparcialidade, quando o suporte é a ficção e a poesia. É evidente que até os critérios de qualidade acabam se tornando frágeis se tratamos de obras de arte.

Ao mesmo tempo, não podia descambar para a minha zona de sossego, que é a crítica. Não é objetivo deste ombudsman confeccionar qualquer tipo de estudo sobre a qualidade literária ou os méritos do que é publicado neste jornal. Todavia, não há como fugir inteiramente ao tema. Então, a pergunta mais óbvia é: como os textos publicados são selecionados? A julgar pelo expediente, há um pequeno conselho editorial, formado por alguns idealistas, que acreditam que nosso país necessita de cultura. Não é pouco. Entretanto, penso que, com quatro anos de existência, está na hora do segundo salto.

Assim, é urgente que se pense em um conselho editorial mais amplo e heterogêneo, para que o jornal cumpra outro papel importante: o de descobrir novos talentos. Há uma temerária alternância no padrão dos textos publicados, o que não é bom para o leitor. É necessário que se proponha alguma saída para tal desafio. Que tal pedir aos assinantes que ajudem na seleção? Imagino que um concurso literário ajude não só com o aprimoramento das crônicas, contos, poesias e outras narrativas publicadas, como também com a publicidade. O RelevO precisa chegar até mais pessoas interessadas em literatura.

A partir do inevitável destino de crescer, é necessário pensar o verdadeiro objetivo da publicação. A meu ver está claro que o periódico quer investir em ficção e em poesia. Ao se dedicar à literatura, dá mais espaço a revelações, o que é fantástico.

Os medalhões que vira e mexe aparecem nas páginas servem de atrativo ao leitor. Ótimo. A ressalva fica por conta da arte visual. Neste sentido, está servindo apenas de moldura para a palavra, o que talvez precise ser mudado.

Vinha trabalhando nesta estreia quando descobri que me faltavam dados: o que o leitor deste jornal pensa? O que o RelevO publica, de fato? Ataquei inicialmente a segunda questão, tratando de ler todas as páginas do periódico, publicadas desde outubro do ano passado. Assim fiz. A primeira pergunta enviei ao editor, que me respondeu prontamente com algumas indicações. Posso, portanto, continuar a dissertar sobre as necessidades dos leitores.

Sobre as minhas leituras, posso defender que a diagramação tem avançado. As páginas limpas nos permitem uma leitura sem traumas. Sugiro, entretanto, que se aumente o número de artistas visuais e que, como já foi escrito, se repense o papel deles no periódico. Às vezes se torna um pouco cansativo encontrar o mesmo traço, página após página. A fotografia, por exemplo, é pouco explorada pelo jornal. Nem preciso dizer que há muita gente de talento por aí e não é difícil encontrá-las. Mesmo quando um poeta engasga com os versos ou um contista tropeça em lugares-comuns, é possível encontrar alguma arte em aquarelas, em desenhos. Fica a recomendação.

Outro ponto positivo é a prestação de contas apresentada logo no início, em todos os números. Neste sentido, também é necessário construir o segundo passo. O jornal precisa crescer e, para tanto, deve buscar mais assinantes, mais patrocinadores. É muito interessante perceber que existem algumas propagandas de livros no periódico, acho mesmo que os autores deveriam abusar desse expediente. Assim, seria igualmente importante o apoio de editoras – as independentes, principalmente, que vêm ganhando espaço no Brasil, pela qualidade de suas publicações.

Espero poder começar um debate sobre o papel de um ombudsman em um jornal independente. Assim, gostaria de estar mais próximo do leitor, para construirmos alternativas para que o RelevO avance e ganhe cada vez mais importância no

cenário da cultura brasileira, tão carente de publicações. Peço aos colaboradores, editores e leitores, que me enviem mensagens, para que comecemos a discussão a respeito deste jornal. Deixo meu e-mail: wf@whisnerfraga.com.br. Muito obrigado aos editores, pelo convite. E, querido leitor, espero que eu não o decepcione nestes meses em que estarei desempenhando esse trabalho de ouvidor-geral.

Nota do editor:

A partir de setembro estaremos um novo projeto gráfico com o intuito de aprofundar as relações entre palavra e imagem. De fato, está mais do que na hora de transparecer os critérios de seleção de textos e envolver leitores e nossos assinantes no processo. A próxima reunião do conselho editorial tratará de como colocar isso em prática, assim como as demais sugestões, imprescindíveis para o futuro e crescimento do periódico.

Publicado em Ombudsman

Com a tag 2014, agosto, Publicado no impresso, Whisner Fraga

Whisner Fraga: Alguns ajustes

Coluna de ombudsman extraída da edição de setembro de 2014 do Jornal RelevO, periódico mensal impresso.

A qualidade do último número do RelevO, de agosto de 2014, certamente dificultará o trabalho deste Ombudsman. Alguns poucos erros de revisão, mas absolutamente nada que comprometa. As narrativas surpreendentes de Daniel Zanella, que sempre abrem a torrente ficcional que aguarda o leitor, e que, de certa forma me incomodam. Pode parecer a história do dono da bola, que sempre tem de estar em algum time, jogando bem ou não. Sugiro, assim, que Zanella transforme em fixas suas contribuições e dê um nome à sua coluna, para que não pegue o leitor no contrapé.

As contribuições estão num nível excelente, de forma geral, o que me leva a crer que o editor tenha levado em conta minhas recomendações. A tendência agora, com o conselho editorial, é uma curva ascendente de qualidade. A capa está mais limpa, deixando o trabalho de Yasmin Karinne Bomfim dialogar com o leitor. Tenho a sensação de que muitos artistas serão descobertos por este jornal. Eu mesmo encontrei um escritor, por meio da resenha do Daniel Osiecki. Nunca havia ouvido falar em Cezar Tridapalli e já encomendei *O Beijo de Schiller* após ler o texto elogioso de Daniel. Por falar na coluna de Osiecki, logo ao lado, na página 30, um cão solitário remete à Baleia, embora, para ser honesto, pareça mais um cão de raça, ao contrário da cachorra de Graciliano Ramos. Uma bela página. Foi isso que quis dizer na minha contribuição de julho: deixar a arte falar por ela. O desenho não como um suporte para o texto, mas como algo pronto, com voz própria.

Assim, acredito que o RelevO dá conta, de forma enaltecadora, da contemporaneidade. De certa forma, há um recorte dela nas páginas do jornal. Sim, como todo recorte, implica escolhas e não existe problema algum nisso. E mais: apesar de ser uma publicação curitibana, dá conta de divulgar artistas de todo o país. Não é pouco. Cumprirá seu papel de mapear o que está sendo feito de bom em nosso país. Merece aplausos.

Parece-me que a única ressalva fica ainda por conta do sistema de distribuição do jornal e talvez da divulgação em si. Quanto à distribuição, ela esbarra em pontos delicados, como assinaturas, vendas e pagamentos. O jornal terá de avançar e criar um sistema de pagamento online, o que dará comodidade ao assinante. E há que se pensar em vendas avulsas seguindo o mesmo modelo. De qualquer maneira, é importante que a assinatura do jornal não esteja vinculada, de forma alguma, a qualquer tipo de aceite de contribuições. O que quero dizer é que muitos assinantes são também escritores ou aspirantes e deve ficar claro que são, no caso concreto de assinantes, apenas leitores. Essa é a única certeza. Eventualmente podem vir a ser colaboradores, mas eventualmente.

Quanto à divulgação, recomendo mais uma vez a criação de um sítio, que não apenas reproduza o conteúdo impresso, mas que inove, que apresente material inédito. Esse contato mais próximo com o leitor pode ser ampliado com as ferramentas virtuais.

Reitero que meu e-mail está à disposição dos leitores, para que enviem críticas, sugestões e o que mais desejarem: wf@whisnerfraga.com.br.

Nota do editor:

A partir desta edição, a coluna do editor e cronista Daniel Zanella passa a ser denominada Cenas Urbanas e caminha da página 5 para a 29 – solução reconhecidamente tardia. Setembro também marca o início da seleção de textos para a primeira coletânea do **RelevO**. Os valores das futuras vendas dos exemplares serão utilizados para a viabilização do site do periódico.

Publicado em Ombudsman

Com a tag 2014, Publicado no impresso, setembro, Whisner Fraga

Whisner Fraga: Independência versus receita

Coluna de ombudsman extraída da edição de outubro de 2014 do Jornal RelevO, periódico mensal impresso.

O leitor que comparar um número do RelevO do início do ano com o de setembro vai pensar se tratar de outro jornal. Houve avanços consideráveis. A capa de Mariana Benevides foi um marco para a história do periódico. As fotos de Isabella Lanave, independentes do texto e até da diagramação, atestam que há espaço para outras artes. Neste sentido, este ombudsman não pode deixar de registrar todos os elogios aos editores, que tiveram coragem de mudar tão radicalmente.

Dos leitores, uma reclamação justa: o padrão dos anúncios. Além de não haver parâmetros claros para a publicação das propagandas, quero acrescentar que elas estão atrapalhando o texto, poluindo as páginas. Claro que a publicidade é fundamental para a existência do jornal, mas a forma com que ela é apresentada precisa ser repensada. Vamos aos exemplos: o centro de ensino de idiomas Fisk pagou os mesmos cinquenta reais que a panificadora e confeitaria Água na Boca pelo espaço e, ainda assim, um anúncio não tem o destaque do outro, nem o tamanho nem outras características.

Há que se inspirar nos grandes jornais, que sabem fazer com que propaganda e matéria convivam em harmonia. A publicidade deve ser também, na medida do possível, arte. Ora, o objetivo do jornal não é divulgar o belo, o estético? De maneira que, como exemplo, basta o leitor abrir a edição de setembro na página 4 para perceber que as imagens não estão nítidas, que os reclames não estão chamativos e que atrapalham a harmonia da página.

Não sei se deixar uma página exclusiva para os anúncios seria uma boa solução, isto terá de ser discutido pela equipe, mas é uma alternativa que não pode ser descartada. Também é preciso considerar se é possível que os diagramadores do jornal deem uma mãozinha na confecção dos anúncios, inclusive convidando outros colaboradores (artistas) para ajudarem na empreitada. Evidente que o valor cobrado para a publicação dos comerciais teria de ser mais alto.

Houve também um leitor que questionou a falta de transparência na escolha do editor. Acredito que o jornal deva ter independência para a seleção e acho também que não há necessidade de se tornarem públicos os critérios de definição. Mas vou aproveitar o registro para cobrar novamente que o RelevO deve constituir urgentemente um conselho editorial. A julgar pelo expediente, o grupo ainda não existe. A multiplicidade de pontos de vista só trará benefícios ao periódico.

Por fim, gostaria de assinalar que estou muito satisfeito por estar contribuindo para o crescimento deste jornal. Sempre acreditei nas publicações alternativas e penso que elas têm muito mais a contribuir com a cultura do que os grandes periódicos, sempre dependentes de arranjos para sobreviverem. É fundamental que o RelevO continue com sua autonomia e, ao mesmo tempo, avance em suas receitas.

Nota do editor:

Estamos buscando, a partir desta edição, uma maior padronização dos anúncios. Como tivemos mudança de planejamento gráfico no mês anterior, algumas questões de distribuição ficaram prejudicadas. Esperamos ter avançado um pouco em relação a isso. Sobre a formação de um conselho editorial, não há falta de interesse do núcleo mais regular do periódico, apenas nunca conseguimos montar uma equipe que se comprometesse mensalmente a avaliar os critérios. Contudo, a ideia será retomada com mais afinco a partir de novembro.

Publicado em Ombudsman

Com a tag 2014, outubro, Publicado no impresso, Whisner Fraga

Whisner Fraga: O ombudsman, os leitores e o medo

Coluna de ombudsman extraída da edição de novembro de 2014 do Jornal RelevO, periódico mensal impresso.

Quando fui convidado, há alguns meses, a assumir o posto de ombudsman de um jornal literário, achei que havia algo conceitualmente deslocado. Isso porque os suplementos alternativos (e literatura é algo bem alternativo no Brasil) têm uma capacidade impressionante de assimilar críticas e de se adaptar. Então, o trabalho de um Ombudsman seria praticamente apontar falhas para que o periódico tratasse de consertá-las. Sim, ótimo, acho que é um trabalho necessário (e útil), para todos.

Registrado isto, solicitei, esta semana, ao editor do RelevO que me mantivesse no cargo por mais três meses. Ainda há algo a ser feito. E, no decorrer dos três textos que me restam, evidenciarei algumas outras mudanças que, julgo, devam ser consideradas pelos editores. Não sei se perceberam, mas estou tentando reconfigurar, adaptar a função de Ombudsman a um jornal literário.

Vamos às mensagens recebidas. Em minha primeira contribuição, há mais de três meses, deixei meu e-mail à disposição dos leitores. Ninguém me escreveu. Enviam recados eletrônicos ao endereço do jornal e pedem anonimato, principalmente quando as críticas são mais pesadas. O motivo é simples. Existe um sistema de apadrinhamento vigente na literatura brasileira, que nem sempre é benéfico para a arte em si, mas é bastante oportuno para os escritores. Este sistema, em suas regras tácitas, impede que se fale mal explicitamente da obra, ou do que quer que seja, de um colega. Quero dizer que, quando se reúnem em bares, artistas costumam descer a lenha em tudo e em todos, principalmente nos desafetos, mas colocar isso no papel é algo impensável.

Assim, provavelmente estes seis meses em que desempenharei meu papel de Ombudsman trarão mais alguns membros para minha lista de oponentes. É normal. Vejam bem: não quero inimigos, nem opositores, mas sei que os terei. Sabendo que o maior nome da literatura brasileira adulta contemporânea vende em média dois mil livros de seu último lançamento, descobriremos que é bobagem

não querer explicitar nosso ponto de vista. Neste cenário, isso só piorará as coisas: falem mal, mas falem de mim.

Esse preâmbulo todo é para defender que o jornal precisa de um “Espaço do Leitor”. Assinantes e público em geral certamente quererão manifestar sua opinião sobre algum texto, sua admiração por algum compadre, seu maravilhamento diante de alguma fotografia ou pintura e assim por diante. Nada mais democrático do que uma assinatura embaixo de um comentário.

Apesar de certas rusgas que minhas considerações têm causado, corajosamente os editores deste jornal decidiram me manter mais um tempo à frente dessa coluna. Provavelmente perderam anunciantes, assinantes e amigos. Torno a enfatizar que não entrarei nos meandros dos textos publicados, pois creio que minha tarefa não é a de crítico literário. Poderia desempenhá-la razoavelmente bem, já que tenho certa experiência no métier, mas não vejo como parte das funções de um Ombudsman. Em linhas gerais, entretanto, percebo que o RelevO tem tentado (algumas vezes sem sucesso) priorizar vanguardas. Tenho certeza de que o caminho é esse mesmo. Todavia, concretamente, há muita vontade, muito esforço e pouco resultado. O jornal tem publicado muitos textos razoáveis, alguns bons e pouquíssimos ótimos.

De qualquer maneira, gostaria de acrescentar que a arte requer coragem. É quase um pré-requisito para se alcançar algo de qualidade. Nenhum artista pode ter medo de ousar, de se sujar com a própria indignidade. Como comentei em um dos parágrafos anteriores, o artista é aquele que não se envergonha ao assinar a própria obra. Gostaria que refletissem sobre isso. Neste meio tempo, quem quiser entrar em contato comigo, meu e-mail é wf@whisnerfraga.com.br.

Nota do editor:

A partir de dezembro, abriremos oficialmente a seção Cartas do Leitor. Nesta edição, na p. 3, os critérios de publicação.

Publicado em Ombudsman

Com a tag 2014, novembro, Publicado no impresso, Whisner Fraga

Morgana Rech: Transferências e o paciente-jornal

Coluna de ombudsman extraída da edição de fevereiro de 2020 do Jornal RelevO, periódico mensal impresso.

Talvez por ser a primeira ombudsman psicanalista, já vou começar sem entender direito por que é que o RelevO precisa tanto dessa figura para abrir o jornal. Vou criticar o RelevO para ajudar o RelevO. Vou dizer que o editor convida alguém que proteja os seus leitores para garantir uma faixa de neutralidade em suas relações editoriais. Se eu fosse analista do jornal, investigaria junto com ele os motivos, os verdadeiros motivos pelos quais ele acha que precisa dessa *defesa*. Defender os leitores para, no fundo, defender o jornal. Eu faria o possível para sair do lugar de escudo. Eu diria para o RelevO se virar sozinho, pela primeira vez na vida.

Fico imaginando: o consultório sendo frequentado por editores de jornais e revistas literárias. Apresentando suas queixas sobre a função de seus veículos no espaço editorial. O irrelevante ou o megalomaniaco papel que eles acreditam que exercem no conjunto das publicações. A voz do RelevO, muito provavelmente, seria aquela mais agradável de escutar. A que colabora com o processo, que está a fim da *análise*. E aí eu ficaria sabendo desse negócio de ombudsman, a história deles todos. Pensaríamos sobre isso, a minha atenção flutuante daria um salto. Eu ouviria histórias de ombudsman que machucaram o jornal e ele nem ligou. Tentaríamos ver por outro lado, fazer outras leituras dessas páginas.

Eu lhe diria então que, bem, não dá para deixar de apanhar sem perder a identidade, não é mesmo? O RelevO sairia dessa sessão meio puto comigo. Pediria para trocar o horário da semana que vem. Esqueceria o dinheiro. Sairia se vendendo por aí, em vez de vir. Faria uma edição melhor, iria mais longe. E depois nos daríamos conta de que os melhores sacos de pancada são aqueles que acabam por fascinar o agressor até que a pancada se transforme em homenagem. O jornal me homenagearia e eu homenagearia o jornal, porque é assim que a banda toca na relação transferencial que acabo de inventar entre mim, ombudsman, e meu paciente-jornal a quem, no fundo, me dirijo.

Sempre li dos ombudsmans — e confirmaríamos isso ao longo das sessões, RelevO e eu — que eles aprendem muito com essa função. Que, no fim, o jornal é que lhes dá a verdadeira lição. Eu me agarraria a esse fato para tentar virar o jogo a favor do analisando. Uma análise serve também para descobrir as forças que ainda não tinha aparecido em lugar nenhum. Difícil: ser ombudsman, receber as críticas e elogios dos leitores, ao mesmo tempo chacoalhando os mecanismos de defesas do jornal. Elogiar o jornal, sobretudo, merecido que é. Para o fim desta análise, das duas uma: ou me expulsam logo (tipo mês que vem), ou me deixam fazer umas interpretações sobre *isso* que o RelevO vem provocando em seus leitores e vice-versa, para que possam também discordar de mim. Vamos fazer da relação leitor-ombudsman-jornal um verdadeiro seminário literário-clínico, porque também quero mudar, e espero que para melhor.

Publicado em Ombudsman

Com a tag 2020, fevereiro, Morgana Rech, Publicado no impresso